



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANDREINA CRISTINE DO NASCIMENTO FRANÇA

A INFÂNCIA FRENTE AS MÍDIAS DIGITAIS

Mamanguape - PB

2024

ANDREINA CRISTINE DO NASCIMENTO FRANÇA

A INFÂNCIA FRENTE AS MÍDIAS DIGITAIS

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do *Campus IV* da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para obtenção de nota parcial e matrícula na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador: Profa. Dra. Renata Monteiro Garcia.

Mamanguape - PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F814i França, Andreina Cristine do Nascimento.

A infância frente as mídias digitais / Andreina
Cristine do Nascimento França. - Mamanguape, 2024.

59 f.

Orientação: Renata Monteiro Garcia.
TCC (Graduação) - UFPB/CCAÉ.

1. Desenvolvimento infantil. 2. Mídias digitais. 3.
Infância. 4. Nativos digitais. I. Garcia, Renata
Monteiro. II. Título.

UFPB/CCAÉ

CDU 159.922.7

A INFÂNCIA FRENTE AS MÍDIAS DIGITAIS

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do *Campus IV* da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para obtenção de nota parcial e matrícula na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **RENATA MONTEIRO GARCIA**
Data: 12/11/2024 17:08:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Renata Monteiro
Garcia CCAE - UFPB - DE
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **SABRINA GRISI PINHO DE ALENCAR**
Data: 12/11/2024 21:55:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Sabrina Grisi Pinho de
Alencar CCAE - UFPB - DE
Membro da banca examinadora

Documento assinado digitalmente
 **REBECCA WANDERLEY TANNUSS**
Data: 12/11/2024 17:13:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rebecka Wanderley
Tannuss CE – UFPB - DFE
Membro da Banca examinadora

Mamanguape, 17 de outubro de 2024.

AGRADECIMENTOS

Dedico meus agradecimentos ao meu bom Deus, que esteve comigo toda minha jornada, não só universitária, mas também na escolar, pois lembro-me que em minhas orações eu sempre pedia a Ele para que tomasse a frente dos meus estudos e, assim Ele fez.

E essa conquista é primeiramente mérito dEle, que não soltou a minha mão durante toda essa caminhada.

Dedico também essa conquista a minha amada mãe, Josefa, que em nenhum momento me pressionou a fazer um curso superior, mas através de sua dedicação em minha criação eu pude seguir esse caminho e me dar a oportunidade de ir mais além, sem o seu carinho eu não seria capaz, também presto homenagem a minha querida irmã, Amanda e meu amado sobrinho, Eudes, que com suas palavras de apoio me ajudaram a concluir o meu curso e me deram mais um motivo para continuar seguindo com essa profissão, para me tornar a melhor professora que eu poderia ser para a criança que eu mais amo no mundo. Quero agradecer a todos amigos que me ajudaram a concluir o curso e me mostraram a força que tem uma amizade verdadeira.

Por fim, agradeço aos meus professores, que durante esses quase 6 anos dentro da universidade, me passaram a riqueza dos seus ensinamentos, em especial a minha orientadora professora, Dra. Renata Monteiro Garcia, que foi a peça chave para a conclusão desse trabalho.

RESUMO

O referente trabalho se trata de uma pesquisa monográfica de caráter qualitativo que vem explorar a concepção histórica e social da infância, abordando os desafios que as crianças enfrentaram antes da descoberta da infância e como hoje elas são compreendidas em sociedade juntamente com a ascensão das mídias digitais e como esses fatores influenciam seu desenvolvimento pessoal, cognitivo e educacional, tendo como objetivo geral analisar a influência das mídias digitais e os seus impactos no desenvolvimento infantil. Para isso foram realizadas pesquisas para uma revisão bibliográfica na promoção de um debate baseado nas obras de quatro autores principais: Philippe Ariès “História Social da Infância e da Família”; Neil Postman “O desaparecimento da Infância”; Michel Desmurget, “A Fábrica de Cretinos Digitais” e Marc Prensky “Nativos Digitais e imigrantes Digitais”. Assim a pesquisa teve um caráter qualitativo e exploratório, na medida que em que buscou refletir sobre a temática da infância e os impactos das mídias digitais. O trabalho se divide em dois capítulos que buscaram debater a concepção da infância, a criança na contemporaneidade e as novas mídias digitais com base na perspectiva de uma geração de nativos e imigrantes digitais. Os principais resultados apontam que ao investigar as crianças que nasceram na era digital, seus impactos no desenvolvimento infantil, essas mídias não fazem restrições entre seus usuários, priorizando apenas que eles permaneçam conectados, provocando sérios agravantes em sua relação familiar e educacional, que por sua vez, se mostram despreparados e despreocupados em trazer e trabalhar com essas tecnologias, provocando um uso saudável delas, para nossas crianças. Espera-se que esse trabalho ajude a subsidiar mais debates acerca da temática.

Palavras chave: Infância; Mídias digitais; Criança na contemporaneidade; Nativos digitais.

ABSTRACT

This work is a qualitative monographic research that explores the historical and social Idea of childhood, addressing the challenges that children encounter before the discovery of childhood and how they are comprehended nowadays in society, together with the rise of digital media and how these factors influence their personal, cognitive and educational development, with the general objective of analyzing the influence of digital media and its impacts on child development. For this purpose, research was carried out for a bibliographic review to promote a debate based on the works of four main authors: Philippe Ariès "Social History of Childhood and the Family"; Neil Postman "The Disappearance of Childhood"; Michel Desmurget, "The Digital Cretins Factory" and Marc Prensky "Digital Natives and Digital Immigrants". This research had a qualitative and exploratory character, And is precise to say, it reflect on the theme of childhood and the impacts of digital media. The work is divided into two chapters that seek to discuss the concept of childhood, children in contemporary times and new digital media based on the perspective of a generation of digital natives and immigrants. The main results indicate that when investigating children born in the digital age and their impact on child development, these media do not place restrictions on their users, prioritizing only that they remain connected, causing serious aggravations in their family and educational relationships, which in turn, show themselves to be unprepared and unconcerned about introducing and working with these technologies, provoking a healthy use of them for our children. It is hoped that this work will help to support further debates on the subject

Keywords: Childhood; Digital media; Children in contemporary times; Digital Natives.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela de Sistematização da Pesquisa	15
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CONCEPÇÃO DA INFÂNCIA	18
2.1 A Criança na contemporaneidade	22
3. AS NOVAS MÍDIAS DIGITAIS	27
3.1 Crianças nativas digitais	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	59

1. INTRODUÇÃO

O tema referente a relação entre infância e mídias digitais sempre foi um assunto instigante para minha formação, pois muitos levantamentos já foram feitos acerca desse assunto. Além disso, no cotidiano é comum ver pais que colocam a culpa do pouco rendimento escolar de seus filhos no uso das mídias digitais, ou, comparando o seu tempo de infância com o das suas crianças. O fato é que existe sim uma preocupação com o modo como as crianças de hoje em dia vivenciam essa etapa das suas vidas.

Ao longo do meu processo de formação na universidade, esse assunto foi debatido inúmeras vezes, sua importância e as suas discussões geraram ainda mais questionamentos sobre os efeitos das mídias em nossas crianças. Um dos primeiros questionamentos que me instigou a seguir com essa temática para o meu trabalho de conclusão de curso foi dado em uma aula, promovida pelo Prof. Ivonaldo Leite, na disciplina de Sociologia da Educação, no segundo período do curso de Graduação em Pedagogia. Para esse momento, estávamos estudando a construção histórica e social da infância e, em diálogo com a turma, fizemos um breve comparativo aos dias atuais, pois, antigamente, as crianças eram vistas e tratadas como pequenos adultos, e, como consequência, não havia nenhuma lei que justificasse seus direitos como crianças. Trabalhando com saltos temporais, chegamos na sociedade contemporânea e os papéis se inverteram, as crianças começaram a ser vistas e reconhecidas como seres à parte dos adultos, seres que precisam de atendimentos e cuidados diferenciados, além de direitos que as cercam para a garantia do seu crescimento saudável, uma etapa pensada nelas, e então surge a ideia de infância da qual conhecemos hoje.

Entretanto, conclui que novas preocupações surgiram no chamado mundo novo, questionamentos como: “as crianças estão perdendo essa fase da vida de maneira precoce”. Ao mesmo tempo, uma busca em saber quem teria a culpa: as tecnologias digitais e suas “estratégias de manipulação”? Seriam as crianças que não saberiam aproveitar sua infância? Ou os pais que não saberiam como criar a nova geração de crianças?

Instigada pela discussão, percebi naquele momento uma oportunidade de estudar mais a fundo essas questões em meu trabalho de conclusão de curso e comecei a analisar determinados comportamentos nas crianças em meu ciclo social.

No terceiro período, mais um diálogo me chamou atenção, na disciplina de Educação e Ludicidade, ministrada pela Profa. Aurilia, ela relaciona o processo de adultização infantil (termo utilizado para se referir a crianças com comportamentos de adultos, como falar, vestir e também seus relacionamentos entre suas figuras de pares) ao mau uso das mídias digitais pelas crianças, colocando como foco o tipo de conteúdo que as crianças consomem através das telas. Percebi que as crianças da contemporaneidade estão deixando sua infância por motivos diferentes das crianças das gerações passadas e uma dessas causas está relacionada as tecnologias acessadas pelas por elas.

Depois dessa observação e do relato dos professores, insisti em focar minha pesquisa nos fatores que interrompem a infância dessas crianças e qual o poder que as mídias têm sobre elas. Decidi assim fazer a investigação juntamente com o fator aprendizagem para descobrir como esses processos na vida das crianças influenciam na sua escolarização.

Atualmente podemos enxergar que as tecnologias têm crescido de maneira acelerada, todos os dias novas ideias surgem e influenciam algo na vida do sujeito, muitas dessas tecnologias vieram para facilitar determinadas atividades e cada vez mais se aumenta a procura por tecnologias que minimizem o tempo e o trabalho. Esses avanços não se concentram em apenas uma parcela da sociedade, através da internet o mercado capitalista vende suas invenções em sites com um só click, nossas preferências podem ser criptografadas e os produtos podem ser comprados sem que seja preciso sair de casa. A forma como nos comunicamos também evoluiu e hoje podemos enviar e receber mensagens em menos de um segundo, a acessibilidade à internet tem se propagado até mesmo entre as pessoas de gerações mais antigas.

Essas novas formas tecnológicas não afetam apenas essa e as antigas gerações, mas também as crianças, que já nascem nativas da era digital, crescem já sabendo fazer uso de diferentes dispositivos digitais ligados a

internet, o que pode estar afetando diretamente nesta fase tão importante da vida: a infância.

No mundo atual, o uso generalizado das tecnologias digitais tem exercido uma influência significativa na sociedade, incluindo a infância. As crianças estão cada vez mais expostas a uma ampla gama de dispositivos digitais, como smartphones, tablets, computadores e videogames, e estão incorporando essas tecnologias em muitos aspectos de suas vidas (Rocha *et al.*, 2022).

As crianças estão sempre conectadas a esse mundo digital, ampliando sua comunicação e interação com outras crianças e formando novas amizades, no entanto, também as tornam vulneráveis por ainda estarem desenvolvendo suas habilidades sociais e ainda não possuem discernimento suficiente para não se arriscarem com os perigos e impactos que esse mundo pode oferecer.

Existe uma preocupação dos pais com o tempo que seus filhos passam em frente às telas, assim como foi em outras, como a chegada da televisão, dúvidas semelhantes surgem nesse momento, no entanto, na maioria das vezes, não trabalham recursos que possam gerar o uso saudável para eles, os deixando navegarem por espaços desconhecidos por ambos.

Esses riscos não podem ser percebidos preciosamente se os adultos não estiverem juntamente conectados às mídias digitais dessas crianças, sendo enxergados muitas vezes quando o desenvolvimento infantil começa a afetar as suas áreas cognitivas, afetivas, sociais e motoras.

Nas escolas isso pode ser analisado pelos seus rendimentos em atividades, mudanças de comportamento, diálogos e atitudes entre colegas, ocasionando, em muitos casos, a adultização infantil, termo usado para se referir a crianças que possuem comportamentos e atitudes para além da sua faixa etária, perdendo a fase de ser criança

Para este trabalho, buscamos analisar a influência das mídias pelas crianças e seus impactos no processo de escolarização, tendo como objetivos gerais entender e analisar os fatores têm promovido tais influências e o que o uso das telas podem acarretar ao desenvolvimento da infância. Faremos recortes históricos na busca de compreender como aconteceu a descoberta da

infância e sua construção histórico social, iniciando uma comparativa contemporânea para analisarmos o contexto de infância na atualidade frente a ascensão das mídias digitais, como essa influência tem se propagado nas suas relações cotidianas e os seus impactos na vida escolar.

Como as crianças são compreendidas na era digital na qual já nascem fazendo uso das tecnologias, seus incentivadores e como são manipuladas a permanecerem conectadas, as verdades e os mitos que rodeiam.

Com isso o seguinte trabalho foi pautado em uma pesquisa monográfica de caráter qualitativo exploratório, elaborado a partir da revisão de materiais já publicados, fazendo uma reconstrução histórica para a descoberta do conceito de infância baseado na obra bibliográfica de Phillipe Ariès, “História Social da Infância e da Família”, em seguimento da obra de Neil Portman, “A Descoberta da Infância”, e a obra de Michel Desmurget, “A Fábrica de Cretinos Digitais”, e também artigos de comentadores das obras que visam enriquecer o debate conceitual.

Para acrescentar debates mais atuais e contemporâneos, foi realizada uma busca por meio de periódicos de artigos científicos analisadas as palavras chaves dos artigos que mais coincidiam com o tema deste trabalho, em seguida para facilitar a coleta dos dados obtidos, foram lidos os resumos e as introdução de cada trabalho, selecionando quais textos seriam a aproveitado durante o desenvolvimento da pesquisa.

Então foi construído uma tabela para a sistematização da pesquisa, a Tabela 1 abaixo foi dividida em quatro seções, sendo elas: título do texto, autor, periódico de pesquisa de onde foram retirados os textos e o seu tema central de interesse pela pesquisa, se pautando nos assuntos mais relevantes dentro dos textos para o desenvolvimento deste trabalho.

A tabela está elencada por obras bibliográficas, artigos científicos e trabalhos de conclusão de curso, por meio dela foi possível encontrar e organizar os principais assuntos abordados para a construção do referente trabalho e que foram considerados mais relevantes a serem desenvolvidos durante a pesquisa da monografia, como também cada qual assunto foi mais impertinente para o desenvolvimento de cada etapa da sua construção.

Tabela 1 - Tabela de Sistematização da Pesquisa

	Título do texto	Autor do texto	Periódico de publicação	Tema central
1	História social da criança e da família	Philippe Ariès	Hahar Editores	Descoberta da infância
2	O desaparecimento da infância	Neil Postman	Editorial	A perda da infância
3	História das crianças no Brasil	Mary Del Priore	Planeta	Infância contemporânea
4	Infância na sociedade contemporânea, Um estudo sobre o processo de adultização infantil	Lucicléia Kalamar e Grasiela Pereira da Silva de Castilho	Revista panorâmica UFMT	Fatores que induzem ao fenômeno da adultização infantil Implicações da adultização para o desenvolvimento infantil
5	Como foram criadas as crianças no século passado e a evolução que a criação das crianças teve com a chegada da internet	Wanessa Panciera Maurer Vanessa Silva	IV Congresso Internacional Uma Nova	A chegada da internet. Como estão sendo criadas as
6	O uso de celular por crianças na primeira infância: oportunidades e riscos	Leylanne Renata Santos de Arruda	Repositório.ufpb.br	Infância contemporânea e os dispositivos móveis Eletrônicos
7	Educação e infâncias na cultura digital	Mileidi Custódio da Silveira	Repositório.uergs .edu.b	Infância e contemporaneidade
8	A “descoberta” da infância ocidental na modernidade: quais crianças foram “colocadas nesse berço”?	Adriana de Souza Broering	Revistas.udesc.br	Concepção da infância
9	Influências da Mídia no desenvolvimento Infantil	Laís Carla Hensel	Universidade Regional Do Noroeste Do	Desenvolvimento infantil

			Estado Do Rio Grande Do Sul	
10	Tempo excessivo de tela e tecnologia na primeira infância: impactos no desenvolvimento infantil	Amanda Freitas dos Santos; Gabriela Pinheiro da Costa	Centro Universitário Fametro	Os riscos das mídias digitais
11	A influência da tecnologia no desenvolvimento da criança	Lorena dos Santos Taborda	Rev. UNINGÁ Review	A perda da inocência
12	A Infância, o brincar e a família contemporânea	Andrieli Regina Sehnem Padilha	Repositório Institucional da UNIJUI	Infância contemporânea
13	Entendendo os danos causados pelo uso excessivo de telas na primeira infância	Laísa Renata Souza Ascenso	Portal de Publicação UNIFIMES	O uso da telas pelas crianças
14	A fábrica de cretinos digitais	Michel Desmurget	Editora vestígio	Nativos digitais
15	Nativos Digitais e imigrantes Digitais	Marc Prensky	NCB University Press, Vol. 9	Nativos digitais
16	História Social da Infância	Juliana Magalhães Linhares	Editora INTA	Concepção da infância

Fonte: O autor (2024).

A tabela foi construída no intuito de orientar a formação da monografia, em termos de coleta de dados e assuntos mais pertinentes e relevantes a serem abordados, a seleção também serviu para pontuar os eventos e cronologia dentre as obras, discursões que os autores abordavam e os debates realizados dentro do trabalho a seguir, afim de construir uma passagem de tempo para um melhor entendimento de infância e a jornada das crianças em terem seus direitos reconhecidos e também serem agentes ativos na sociedade em que vivem, em

seguida, compreender como o desenvolvimento das mídias digitais podem ter se infiltrado nessa fase da vida que é aproveitadas por nossas crianças, então fazer uma análise entre autores que voltaram seus olhares a estudar todo esse envolvimento, o que foi esperado pela educação das crianças e o que foi acometido a elas no tempo presente.

2. CONCEPÇÃO DA INFÂNCIA

Para iniciarmos a discussão referente ao trabalho desenvolvido, passaremos a analisar o conceito de criança e de infância ao longo dos anos. Para isso, tomaremos como base os estudos feitos por Philippe Ariès em sua obra “História Social da Criança e da Família”, além de utilizar pesquisas que resgatam os fatores que indicam uma concepção histórica da compreensão sobre o conceito de infância.

Ariès (1978) inicia suas análises a partir das obras de artes encontradas na Idade Média, na procura de características relacionadas ao sentimento de infância e como as crianças eram vistas em seu meio social e em família, nesse sentido ele destaca:

Desde a antiguidade, mulheres e crianças eram consideradas seres inferiores que não mereciam nenhum tipo de tratamento diferenciado, sendo inclusive a duração da infância reduzida. Por volta do século XII era provável que não houvesse lugar para a infância, uma vez que a arte medieval a desconhecia. (Ariès, 1978)

Podemos destacar que a ideia de infância não existia no período medieval e as crianças não tinham qualquer reconhecimento, assim viviam em total fragilidade por descaso da sociedade. Elas eram cuidadas por suas famílias até alcançarem sua independência física, constatando um período mínimo de infância, compreendida como uma fase sem valor, elas não tinham garantias ou leis que as protegessem para que tivessem um desenvolvimento saudável nessa etapa da vida, o estágio da infância que hoje é estabelecido por lei, nessa época não existia e as crianças eram manipuladas como instrumentos a serem usados no mundo adulto, já iniciavam seus trabalhos dentro de casa, ajudando nas despesas da família e em atividades domésticas.

Seguindo nessa percepção Adriana de Souza Broering (2015), autora do artigo “A descoberta da infância ocidental na modernidade: quais crianças foram colocadas nesse berço?”, busca descobrir a origem da infância para entendermos como a infância que conhecemos hoje é fruto de uma construção social, revelando como o sentimento de infância passa a surgir juntamente com as transformações que começam a se processar na transição para a sociedade moderna, e que por muitos anos passou despercebida, sendo sufocada, fazendo

Ariès (1978) chegar à conclusão que ela precisou ser descoberta, pois existia noções básicas para que uma criança precisaria nessa fase da sua vida, mesmo elas estando ali e compartilhando tudo com o mundo adulto, as crianças não pertenciam a ele, ao analisarmos o contexto da época entendemos a necessidade de um cuidado pelas crianças e que seu desenvolvimento não condizia com a forma como elas eram tratadas socialmente, a infância estava ali, dentro das crianças, mas o adulto não a conhecia.

Uma das provas que revelava o desprezo da sociedade pela infância, foram os índices de mortalidade que se apresentavam na época, a variação se estendia de 400 por 1.000 crianças que morriam antes de completarem um ano de idade, em relatos encontrados por Ariès (1981) destacamos:

Ninguém pensava em conservar o retrato de uma criança que tivesse sobrevivido e se tornado adulta ou que tivesse morrido pequena. No primeiro caso, a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança; no segundo, o da criança morta, não se considerava que essa coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembrança: havia tantas crianças, cuja sobrevivência era tão problemática. O sentimento de que se faziam várias crianças para conservar apenas algumas era e durante muito tempo permaneceu muito forte. Ainda no século XVII, em *Le Caquet de l'accouchée*, vemos uma vizinha, mulher de um relator, tranquilizar assim uma mulher inquieta, mãe de cinco "pestes", e que acabara de dar à luz: "Antes que eles te possam causar muitos problemas, tu terás perdido a metade, e quem sabe todos". (Ariès, 1981, p. 81)

Não é descartada a hipótese de que se tenha havido afetividade entre as famílias da Idade Média para com seus filhos, no entanto as orientações da época sinalizavam uma criança como descartável, projetos de seres humanos que poderia ser substituídos, então por mais que houvesse sentimento familiar, os conselhos e preocupações ao se referir a um ser tão pequeno e indefeso não passava de um cuidado desvelado, por serem crianças não havia necessidade de extremos cuidados ou qualquer outra preocupação ou prevenção pela vida. Foi assim por muito tempo, mães que perdiam seus filhos não deveriam se preocupar, pois podiam ter outro e que era normal uma criança não sobreviver naquela época.

As vestimentas desse período também revelavam as crianças como adultos em miniatura, suas roupas eram feitas pensadas para vestir uma pessoa adulta e não se tinha nenhuma curiosidade de entender o corpo das crianças e

suas particularidades e dessa forma, elas conservavam antigas formas de vida que não separavam as crianças dos adultos, nem mesmo através das vestimentas ou dos seus trabalhos, nem através dos jogos e brincadeiras. Ariès (1981).

Foi com o fim dessa época e com a chegada da Sociedade Moderna que se iniciou o período da revolução industrial e urbanização, gerando mudanças nos casos de mortalidade entre as crianças, dados os meios que a nova realidade proporcionava; acesso a saúde, higiene e saneamento básico. Nesse momento as crianças começaram a ter mais perspectiva de vida, foi então que Ariès (1978) atentou o seu olhar para as novas representações de artes e obras que começaram a revelar um sentimento de infância, as particularidades das obras caracterizavam a fisionomia das crianças de maneira minuciosa, muitas vezes representadas como anjos, seres inocentes e que precisavam de zelo, essas foram as primeiras evidências de que os olhos da sociedade estavam se voltando para uma ideia de infância e a criança começou a ser vista. Broering (2015) enfatiza em seu artigo o fato de Ariès correlacionar o retrato com o aparecimento da infância, antes sem importância, não fazendo sentido fixá-la na lembrança, ele afirma que o gosto novo pelo retrato indicava que a criança começava a sair do anonimato em que sua pouca possibilidade sobreviver a mantinha. Ariès (1981).

O século XIV trouxe a iconografia da infância sagrada, em que nas telas as crianças eram representadas como seres inocentes, anjos com gestos ternos entre elas e os adultos, logo mais ganham total configuração nas obras, sendo representadas pelo menino Jesus e da Nossa Senhora, pois os pintores gostavam especialmente de representar as crianças por sua graça e formas únicas para aquela fase da vida. Ariès (1981). Esse novo sentimento também pode ser observado nas mudanças nos nomes das crianças, nesse sentido a autora do artigo debate sobre os nomes das crianças não passarem de designações muito imprecisas, sendo necessário completá-los pelos sobrenomes da família ou muitas vezes de um lugar para singularizar esses sujeitos. Logo depois isso foi mudado, tornando conveniente acrescentar um caráter numérico, a partir desse ponto começamos a observar que as crianças estavam ganhando cada vez mais espaço em sociedade, sendo reconhecidas

como seres significantes e individuais ao se diferenciarem de adultos com suas particularidades no processo de desenvolvimento. Cada família “agora”, queria possuir retratos com seus filhos, mesmo na idade em que eles ainda eram crianças. Broering (2015), ressalta um fato bastante significativo observado pelo pesquisador, que a criança era representada no centro da composição.

Um costume que, na verdade, nunca mais desapareceu. Arès (1981) registra que no século XIX este costume foi substituído pela fotografia, “mas o sentimento não mudou”.

No entanto a infância era muito confundida com a adolescência e não existia uma palavra para definir a criança pequena, e ela ainda era pouco considerada, então surgiu uma necessidade de melhor referi-las e a palavra baby, vinda do inglês, foi escolhida, antes ao se referir aos jovens em geral, foi tomada pelos franceses e ressignificada para se designar apenas as crianças pequenas.

Arès não discorre sobre as divisões das classes e sua influência no trato com as crianças, nem sobre a exploração do trabalho infantil, mas esses problemas se intensificaram com a chegada da revolução industrial, aumentando o trabalho com a mão de obra infantil, gerando a criação de leis e recursos que promovessem a proteção dessas crianças, criando não só um novo conceito literário pedagógico para crianças e adolescentes, mas também para pais e educadores. A partir de então passaram a ser definidas políticas públicas com o objetivo de recuperar a infância, compreendendo que as crianças são seres humanos em desenvolvimento e através das transformações e seus movimentos, foi crescendo a preocupação em educar as crianças em sua faixa etária correta.

No Brasil contemporâneo é possível localizar legislação específica para as crianças: o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O Artigo 17, vem tratar do direito ao respeito, que incluem a inviabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, preconizando o respeito da imagem e da privacidade, lhe pondo a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizantes, vexatório ou constrangedor.

Segundo Broering (2015) a trajetória percorrida pela criança em suas passagens de estágios entre outras apropriações históricas para a descobertas de suas categorias, tornaram-se frutos das dinâmicas geracionais que hoje chamamos de infância.

2.1 A criança na contemporaneidade

A história da infância vem sofrendo grandes transformações durante os séculos e para compreender como a criança é inserida no contexto atual é necessário compreender as práticas que as cercam. A infância é uma etapa de vida complexa e precisa de cuidados específicos desde o nascimento até a chegada da puberdade. De acordo com o ECA Brasil (1990), a pessoa com até doze anos incompletos é considerada uma criança, essa é uma etapa da vida em que o ser humano não pode deixar de explorar, por ser uma etapa curta e vulnerável, se não for bem aproveitada, as implicações que podem acarretar em seu futuro poderão ser permanentes. Conhecida como tempo da inocência, se faz necessário que os adultos possam proporcionar às suas crianças momentos de exploração do mundo em que estão inseridos, se sentirem libertos e confortáveis para expressarem seus sentimentos e serem elas mesmas e se conhecerem como sujeitos ativos, criativos e parte da sociedade, além de desenvolverem sua própria identidade como indivíduo, o que mostra uma gama de alterações na forma como elas são educadas. Linhares (2016).

Na atualidade, o foco é que elas possam se desenvolver de forma saudável e segura, seguindo seus direitos e necessidades. Podemos ver uma atenção maior em mantê-las protegidas de danos, tanto físicos como emocionais. Linhares, (2016).

A infância passou por uma grande transição, saindo de uma fase de desprezo e desvalorização, em que eram obrigadas a trabalhar desde muito cedo, para hoje ser considerada a fase mais importante na vida de um sujeito. No entanto, ao depender do ambiente que a criança esteja inserida, muitas mudanças podem vir acontecer, se essa etapa da vida não for cuidada e orientada, muitas crianças podem não ter a sua infância desenvolvida plenamente. Ao tratar desse assunto Linhares (2016) discorre, que história social da infância e da criança é uma área importante de estudo porque nos ajuda a

entender como nossas concepções atuais de infância se originaram e como elas podem mudar no futuro. Assim, chegamos à conclusão de que a infância é uma fase da vida do ser humano que acarreta um grande contexto histórico social, estudada até os dias de hoje e que pode gerar diversas mudanças futuras em suas vidas a depender do tipo de interferência que as crianças possam receber ao longo do seu desenvolvimento. As mídias sempre estão buscando formas de atrair esse público, por esse ser o mais fácil de ser convencido, o marketing estuda essa fase sempre pensando no intuito de vender e como cada dia mais essas mídias se renovam, mais a infância é colocada em risco. Postman (1999) aponta que as informações antes eram sigilosas e controladas, agora estão se tornando cada vez mais disponíveis para as crianças, desta forma a certo medo com o retrocesso e perda desta etapa de desenvolvimento essencial do ser humano. Assim Hensel, (2015) discorre:

A mídia faz com que as crianças sintam-se incluídas na sociedade, pois a partir da mesma, estes têm acesso a vários assuntos. Por meio dela, o acesso à informação está cada vez mais fácil. Ela é atrativa por ser colorida, interessante e convidativa. Como a mídia faz parte do dia a dia das crianças, elas acabam sendo influenciadas por ela, imitando o que veem. (HENSEL, 2015, p. 16)

A forma mais comum dos pais acalmarem seus filhos hoje em dia é os colocando em frente às telas, muitos até se preocupam com o que suas crianças podem assistir, mas sem nenhuma supervisão eles não tem controle do que elas podem absorver com os conteúdos assistidos e isso tem sido feito bem antes das crianças completarem seus três anos de idade. Tem o tempo cada vez mais reduzido com os filhos, e como não pode dá-lhes a devida atenção, fica a cargo da televisão, computador, vídeo games entre outros aparelhos preencher essa lacuna deixada pela família na vida das crianças. Em virtude disso, as crianças desacompanhadas dos pais, ou da família de modo geral, escolhe o programa que deseja, abre uma infinidade de páginas na internet, e tem acesso a jogos de vídeo game e computador contendo cenas violentas que se aproximam cada vez mais da realidade. Isso decorre também, em virtude da falta de conhecimento dos pais em torno do assunto, por não perceber o que repercute no desenvolvimento da criança, revelando esses conceitos como uma das principais transformações que interferem no desenvolvimento infantil. Postman (1999).

Para Priore (2004), o mundo infantil sempre foi marcado pelo prazer das descobertas e das invenções, sendo o brinquedo algo essencial na imaginação dos pequenos, mas com os grandes avanços tecnológicos, cada vez as mídias têm voltados seus olhos ao que podem oferecer às crianças, usando de sua inocência e fragilidades de serem altamente influenciáveis, para produzirem em grande escala, eletrônicos para mantê-las ligadas.

Antes o que mais nos surpreendia era ver uma criança deixar de almoçar em família para ficar na frente da televisão, esse conceito mudou, os pais colocam seus filhos na frente delas como uma maneira de mantê-las calmas e hoje as crianças mais novas têm seus próprios tablets para brincarem e quando isso não é suficiente, usam os celulares de seus pais, ou tem os seus próprios, referente a isso, em seus estudos Padilha (2015) alega que, ao olharmos para a história do brinquedo percebemos que até o formato físico foi se adequando de acordo com os avanços tecnológicos e industriais.

Cada vez menos encontramos crianças com um carrinho ou uma boneca nas mãos, brincando nos parques com o vizinho, elas preferem os shoppings ou suas casas e, quando estão nelas, a sala de estar muitas das vezes não é um lugar distante o suficiente para estarem longe dos pais. O quarto com a porta fechada se tornou o ambiente mais seguro para elas, onde os pais não podem ver ou controlar o que seus filhos estão acessando, e ao contrário de estarem interagindo com seu amigo e famílias, na busca de se desenvolver como sujeito em suas relações afetivas, estão à mercê do que as mídias lhe mostram, vulneráveis aos mais sérios riscos. Assim, conforme Padilha (2015), esta nova ferramenta do mundo tecnológico assume grande papel de modificação da sociedade, pois tem proporcionado acesso fácil a todos os tipos de conteúdo, além de experiências diversas. O que nos surpreendia a dez anos atrás, não se compara ao que nos surpreende agora com o avanço acelerado da tecnologia, o que era preocupante para a saúde das crianças, se tornou ainda mais alarmante, o mundo real e o digital para elas não fazem mais diferença, vivendo de acordo com o que é imposto pelo conteúdo que elas consomem diretamente da internet, como a televisão que se tornou um verdadeiro teatro de massas, não só pelo vasto número de pessoas que alcança, mas também porque quase tudo

na televisão toma a forma de uma narrativa, não de uma argumentação ou de uma sequência de ideias. Postman (1999).

Neste capítulo podemos acompanhar por meio da obra de Philippe Ariès a construção da infância ao longo dos séculos e como elas eram retratadas em sociedade e os processos que levaram o autor determinar a infância como uma descoberta, algo que não aconteceu de maneira repentina, pois as crianças não tinham quase ou nenhum valor para o mundo medieval, fato que notado pela não existência de um termo apropriado para distinguir as crianças pequenas nessa etapa da vida, passando a serem representadas apenas em obras por artistas no fim dessa era.

Com a chegada da modernidade, o sentimento de infância surgiu com mais vigor entre a sociedade e as crianças começaram a causar preocupações quanto ao seu processo de crescimento nessa fase, assim a infância passou a ser reconhecida como a etapa da inocência, agora em dependência total da família e dos preceitos políticos, ganhando cada vez mais espaço em sociedade, garantindo direitos próprios para um desenvolvimento saudável durante esse percurso social.

Já na contemporaneidade, as crianças agora podem usufruir da gradativa evolução que se fez pela infância das crianças que por muito tempo foi desconhecida pelos adultos e por consequência, pelas próprias crianças, hoje elas podem construir e serem autores de suas próprias histórias, explorarem o mundo que os cercam em busca da formação das suas identidades, se apropriando de todos os seus direitos e validando suas necessidades como seres em desenvolvimento.

No entanto desde a chegada da internet, as crianças são encontradas dividindo seus espaços com as tecnologias digitais e passaram a ser alvo direto dessas novas mídias e em uma sociedade que se encontra altamente dependente desse mundo e as suas propostas de marketing, induzidas a se tornarem ainda mais consumistas, levadas pelas estratégias e propagandas para mantê-las conectadas.

O cerne da questão se encontra no ambiente em que essas crianças estão inseridas, podendo afetar todo processo que diz respeito a sua infância,

considerando que a contemporaneidade seja uma era marcada pelas tecnologias digitais e o mercado capitalista, o que vem gerando inúmeras mudanças na forma como a sociedade se configura, nesse sentido se torna impossível que as crianças não sejam afetadas por esse mundo novo.

Outra grande preocupação abordada no capítulo se encontra na relação familiar, entre pais, filhos e o acesso que tem a internet, esse recurso vem sendo usado pelas crianças desde muito novas por meio de seus pais que dão total liberdade de navegação às suas crianças, que por sua vez, aprendem desde cedo a usar esses recursos e aprimorando seus conhecimentos apenas no ambiente virtual.

Para o próximo capítulo, discutiremos a fundo o interesse dessas novas mídias digitais, quais suas influências para com as crianças que nascem isoladas virtualmente e como estão sendo afetadas por elas.

3. AS NOVAS MÍDIAS DIGITAIS

Compreendemos que a criança contemporânea, assim como toda a sociedade, está envolvida com as tecnologias da informação e comunicação (TIC) e suas inúmeras transformações ao longo dessa era, alterando o estilo de vida de muitas pessoas. Depois da sua chegada foi criado um novo modelo de social em que as tecnologias se ligaram ao sujeito como um dos seus recursos mais vitais, devido ao rápido crescimento tecnológico, foi difícil distinguir em que momento elas passaram a se tornar um instrumento essencial para as pessoas.

[...] foram sendo influenciadas pelo poder propositalmente persuasivo que as tecnologias possuem ao seu alcance, os seus recursos virtuais foram muito bem adaptados para todos os tipos de ambiente, assim podemos dizer que houve alterações em todas as esferas de atuação humana. (Coelho, Costa e Neto, 2018. p. 2)

Tanto de trabalho como também em ambientes familiares, constatando hoje como um instrumento indispensável para as mais diversas áreas, no entanto, essas mudanças podem abrir portas para que as tecnologias assumam determinados controles na atuação do sujeito, agora somos nós que nos adaptamos de acordo com o seu desenvolvimento, é crível que a maioria dessas pessoas possam ter desenvolvido fortes graus de dependência através desses meios e recursos que são disponibilizados à elas, uma das maneiras mais comuns para o desencadeamento dessa dependência é o consumismo, e as novas tecnologias usam esse vício ao seu favor trabalhando em estratégias para que o consumidor possa comprar e obter tudo o que lhe é oferecido, na busca de se manterem em níveis elevados e atualizados socialmente, todos esses movimentos são arquitetados para que as pessoas permaneçam constantes e dependentes do mundo virtual.

De acordo os seguimentos que Oliveira e Silva (2017) relatam em seu artigo “Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais”, grandes nomes como Steven Paul Jobs, entre outros que apresentam opiniões semelhantes, eles não permitem que suas crianças acessem a internet de forma imprudente, sempre estabelecendo limites de telas, pois sabem os riscos que o uso excessivo da internet pode oferecer as suas crianças, como a exposição prejudicial de

conteúdos adultos digitais, tais como a pornografia, bullying e o vício nesses aparelhos, gerando problemas cognitivos e afetivos.

Portanto, atualmente, mais uma vez, a tecnologia está modificando o convívio familiar e social e sendo incluída como um fator indispensável, participando de qualquer situação ou contexto em que as pessoas estejam. O mundo virtual vai progredindo e confundindo seus limites com o mundo real. As tecnologias digitais vão transformando os comportamentos e hábitos sociais de todos os que as usam. (Oliveira e Silva 2017, p. 4)

Esse cenário de transformação desencadeou mudanças em todos os âmbitos da sociedade e, por conseguinte, todas as instituições sofreram o impacto dessa metamorfose, inclusive a família. Mediante esse contexto, inegavelmente a família contemporânea tem vivenciado diversos conflitos e desafios, os quais têm deixado pais atordoados por não saberem lidar ou compreender essa realidade, tendo em vista os seus reflexos nas relações interpessoais, na educação e no cotidiano familiar.

Essa função era desempenhada pela televisão que, através das suas propagandas atrativas, influenciavam o telespectador a sair de casa para as lojas. Oliveira (2017) chama atenção para o vício comum que a mídia usa para fazer suas programadas serem bem-sucedidas.

O consumismo não é nada mais do que a compra exagerada e desnecessária de produtos e serviços. Na sociedade atual, movida pelo capitalismo e cercada de informações, o consumismo é resultado do poder asoberbado que a mídia possui sobre nós. O ato de comprar produtos supérfluos e caros só porque alguém nos induz a pensar que precisamos daquilo, são características principalmente de crianças, por se tratar de um público especialmente vulnerável ao marketing, por sua dificuldade em perceber a intenção persuasiva que norteia a propaganda. (Oliveira 2017, p. 26)

Em sua fala ela pontua como a indução vem pela influência de alguém, mas para o sucesso das propagandas atuais não mais ocorre por indicações televisivas, essas propagandas também evoluíram com a chegada da internet, ela mudou por completo a maneira como nos comunicamos criando novos caminhos para atrair as pessoas, revelando que não mais vivemos em contato e sim que estamos todos conectados, isso se deve às mais diversas mídias digitais que estamos envolvidos.

Por meio das criptografias digitais vigentes nos aparelhos celulares desde 2016, é permitido que o usuário ao acessar qualquer aplicativo de mídia ou site digital, seja realizado uma série de busca que se responsabilizam de fazer coletas das suas pesquisas para lhe disponibilizar uma série de resultados de acordo ou semelhantes ao seu interesse, além de enviar sugestões de outros conteúdos que o seu usuário possa consumir, não se fazendo mais necessário sair de casa para adquirir qualquer produto, também se influenciando por um amigo, a internet faz questão de lhe oferecer esse suporte, analisando tudo o que você faz com o acesso que tem por meio dela.

A prioridade que as TICs têm por meio dessas possibilidades de acesso, são as propostas de praticidade que elas oferecem, o sujeito sempre procura por propostas que irão facilitar a sua vida cotidiana, assim é possível que seus usuários continuem sendo consumidores assíduos e conectados, nessa perspectiva oliveira destaca que:

Com o advento da tecnologia e a disponibilidade de acesso aos aparelhos eletrônicos ao alcance de todos, a mídia vem fazendo-se uma presença cada vez mais constante, tornando-se onipresentes, exercendo influência em todas as classes e de tipos de consumidores das mais diversas formas. (Oliveira, 2017, p. 24)

No entanto elas não se preocupam com quem pode estar por trás das telas, suas propostas focam na conectividade e assim as crianças que também atuam dentro mundo digital se encontram expostas e influenciadas a sua mercê, nem mais os adultos conseguem enxergar o quanto estão sendo manipulados, como será que as crianças que estão aprendendo a viver nesse mundo saberão discernir o que é real e virtual? O que é bom e o que é ruim? Não existe uma chave que será girada e fará a criança entender se pode ou não navegar por certos conteúdos.

Na visão dos opositores de propaganda, ela traz sérios prejuízos a crianças, uma vez que as estratégias de marketing se valem de sua incredulidade para persuadi-las. Oliveira (2017). A fragilidade da infância é uma vantagem para o marketing, atraí-las e influenciá-las é mais fácil, pois podem ser induzidas e não sabem como, assim não podem discernir o que é ou não necessário.

Essa pedagogia do consumo transforma as crianças em um consumidor nato, e, por conseguinte um inconsistente “escravo” das mídias, haja vista a sua capacidade de influenciar os pais ou adultos, a adquirir o que elas desejam, com o intuito de satisfazê-los, assim dar-se início ao um ciclo, que torna as crianças consumistas desde pequenas. (Oliveira 2017, p. 26)

Em sua fala, Oliveira (2017) toma em consideração a fragilidade das crianças como vantagem para as mídias, por sua imaturidade, persuadi-las é um meio de persuadir seus pais, e nesse processo elas se tornam vítimas da sociedade, a forma como as crianças acreditam nas propagandas as levam a querer algo para melhorar seu dia.

O acesso à internet que é dado às crianças, em sua maioria vem por meio do celular, um dos dispositivos mais famosos da atualidade, e tem sido o substituto de muitos outros eletrônicos, antes usado apenas para ligações se tornou o símbolo que mais reflete que estamos vivendo em um mundo dentro de outro, e é por meio deles que muitas crianças vêm passando por muitas interferências em sua infância, isso por estarem intrinsecamente ligadas ao cotidiano social dos “pequenos”. Segundo o artigo “Como foram criadas as crianças no século passado e a evolução que a criação das crianças teve com a chegada da internet”, Maurer e Silva (2021) discorrem sobre a atenção que os jovens e as crianças vêm recebendo por suas habilidades tecnológicas, isso baseando-se em fatos simples do dia a dia de pais com suas crianças, que desde muito cedo, entregam um celular nas mãos de seus filhos, para que eles se distraiam com músicas infantis do youtube, jogos atrativos, acreditando que as luzes brilhantes podem os ajudar a dormir, a criança por sua vez, adota o celular como um brinquedo, seu objeto de conforto, assim compreendemos que os pais são o primeiro meio de acesso para que as crianças deem o seu primeiro passo para entrarem no mundo digital e ao longo do seu crescimento o tempo que as crianças passam frente às telas já tem ocupado a maior parte do seu dia.

Essas pequenas mentes são muito inteligentes com o convívio dos seus pais, com esses aparelhos vão aprendendo desde bebês como tudo funciona, fazendo ligações, gravar áudio, tem crianças que não sabem falar nitidamente, mas sabem fazer isso, ou seja a tecnologia está chegando mais cedo do que deveria para essas crianças. (Maurer e Silva 2021, p. 548)

Esse envolvimento cada vez mais precoce entre as crianças e as mídias têm causado grandes preocupações em torno do processo de desenvolvimento infantil, gerando diversos debates sobre o assunto e como os pais têm lidado com essa situação, mas a verdade é que os pais se despreocupam com o que podem estar oferecendo às crianças, também acreditam que seus filhos são seres inocentes, incapazes de assimilar determinados conteúdos, por outro lado, veem seus filhos como altamente inteligentes quando desempenham com sucesso alguma função em seus dispositivos eletrônicos e os instigam ainda mais a continuarem aprendendo com as telas, acreditando ser normal uma criança de dois anos ter o seu próprio celular e olhar as inúmeros conteúdos inapropriados para sua faixa etária na internet. Maurer e Silva (2021), no intuito de não serem privadas de conteúdos que elas sabem que não poderão ter acesso por estarem proibidas pelo seus pais e que as versões infantis não permitem que elas acessem, como é o caso do youtube, foi criado para as crianças uma versão do aplicativo para o público infantil, nele os pais decidem a que faixa etária suas crianças poderão ter acesso, no entanto, quando uma criança já teve contato com a versão livre, elas apresentam resistências a aceitarem outros conteúdos que fogem de seus interesses, o que os instigam a esconderem o que fazem de seus pais, por meios desses é possível perceber que a infância dessas crianças, foram comprometidas. Desmurget (2021), nos traz alguns dados estatísticos ao se referir ao tempo que as pessoas nativas digitais passam em frente às telas:

O consumo recreativo do digital – em todas as suas formas (smart-phone, tablets, televisão, etc.) – pela nova geração é absolutamente astronômico. A partir dos 2 anos, as crianças dos países ocidentais acumulam diariamente quase 50 minutos diante da tela. Entre 2 e 8 anos, esse tempo é de 2h45min. Entre 8 e 12 anos, os jovens passam aproximadamente 4h45min diante dela. Entre 13 e 18 anos, eles chegam perto de 7h15min. Ao fim de um ano, isso totaliza mais de 1.000 horas para um aluno da pré-escola (1,4 mês), 1.700 horas para um estudante do nível fundamental (2,4 meses) e 2.650 horas para alunos do ensino médio (3,7 meses). Expresso em fração do tempo diário de vigília, isso resulta, respectivamente, em 20%, 32%, 45%. Ao longo dos 18 primeiros anos de vida, eles representam o equivalente a quase 30 anos letivos, ou, se preferirmos, 15 anos de um emprego em tempo integral. (Desmurget, 2021, p. 6)

Além dos dados estáticos, o autor faz a somatória desses dados para mostrar por meio dos números o tempo de vida que uma pessoa pode perder por estar apenas em frente às telas.

Essa falsa liberdade virtual dada às nossas crianças vem acarretando grandes riscos. Oliveira (2017) aponta que um dos primeiros sinais acontece com a frustração de querer algo e seus pais não poderem comprar, o pensamento de consumo a fará entender que só ficará satisfeita com aquilo que pediu, esse é o perigo escondido pelo consumismo e o mercado capitalista, “pois se sabe que o consumismo de fato eleva a autoestima depois de comprá-los, mas em contrapartida torna as pessoas impulsivas e supérfluas. Oliveira, (2017). As crianças, nesses contextos, não sabem enxergar esses perigos, acarretando em inúmeros riscos à saúde e a mente delas e também desenvolverem dificuldades de socializar com outros colegas ou o medo de se sentirem excluídas acreditando que só serão interessantes se tiverem determinados que validem seus status.

3.1 Crianças nativas digitais

Para esse tópico traremos à tona debates que norteiam as novas gerações de crianças que nasceram em contato com mundo digital e podem ser ou não consideradas “nativas digitais”, termo criado pelo pesquisador e educador Marc Prensky (2001) para se referir a geração nascida na era da ascensão das TICs e que possuem graus elevados na manipulação de diversos dispositivos digitais, apenas enxergando o mundo através das suas telas, essa constatação vem despertar o olhar de estudiosos acerca das vivências dessas crianças, como elas estão se desenvolvendo e o que podem ter as afetado.

Como deveríamos chamar estes "novos" alunos de hoje? Alguns se referem a eles como N-gen [Net] ou D-gen [Digital]. Porém a denominação mais utilizada que eu encontrei para eles é Nativos Digitais. Nossos estudantes de hoje são todos "falantes nativos" da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet. (Prensky, 2000, p. 1)

Também abordaremos a concepção de nativos digitais na visão do filósofo Michel Desmurget, autor da obra bibliográfica, “A fábrica de cretinos digitais”, em

que ele discorre sobre o cotidiano dessa nova geração que disputa sua vida entre família, amigos e professores com os seus dispositivos móveis e redes sociais.

Ao debatermos esse assunto com Prensky, é notório que ele tenta nos convencer de algo, primeiramente, que essa nova geração de crianças não estão apenas recriando e se adaptando ao meio em que estão inseridos como em gerações passadas, pois não só suas formas de vestir, falar ou se comportar mudaram, tão pouco a criação de novas gírias, as nossas crianças estão na verdade se desligando do mundo real, Prensky chama isso de descontinuidade.

Aconteceu uma grande descontinuidade. Alguém pode até chamá-la de apenas uma “singularidade”, um evento no qual as coisas são tão mudadas que não há volta. Está então chamada “singularidade” é a chegada e a rápida difusão da tecnologia digital nas últimas décadas do século XX. (Prensky, 2001. p. 1)

Prensky nos apresenta a tecnologia como um recurso que veio pra ficar e que tudo e todos, se transformaram através dela, esse seria o novo mundo e as crianças que já nasceram nele, foram totalmente moldados e construíram uma nova cultura, cultura essa, acessada primordialmente sobre as práticas digitais, elas veem sendo os grandes representantes dessa nova geração, são os famosos “nativos digitais” como sempre experimentando de suas invenções tecnológicas, assimilam tudo de uma forma diferente enquanto suas mentes vão gerando novas formas de pensar.

Suas análises correm por linhas perigosas, em primeiro lugar por constatar que nossas crianças foram tão imediatamente influenciadas pelas mídias digitais que se desconstituíram de suas culturas em família, e figuras de pares, como se elas tivessem sido colocadas em um mundo totalmente novo, o mundo virtual, sem contato com o mundo real.

Umas das análises que ressaltam essa constatação no artigo apresentado por Prensky, acontece em uma das suas falas, em que ele relaciona as pessoas que nasceram antes da chegada das tecnologias digitais como, “imigrantes digitais”, fazendo uma divisão entre essas duas massas de pessoas que convivem juntos, mas se norteiam por caminhos totalmente diferentes, em análise desse questionamento ele diz:

O que fazer o que faz o resto de nós? Aqueles que não nasceram no mundo digital, mas em alguma época de nossas vidas, ficou fascinado e adotou muitas ou a maioria dos aspectos da nova tecnologia são, e sempre serão comparados a eles, sendo chamados de imigrantes digitais. (Prensky, 2001, p. 2)

Esses agora denominados imigrantes digitais, são considerados pessoas que se apropriaram das tecidas TICs, “mas não fazem partes delas”, pois possuem comportamentos muito característicos em suas definições que se revelam por meio de uma espécie de “sotaque”, no intuito de localizar esses imigrantes, para mostrar que logo ao falar conseguiríamos identificar que uma determinada pessoa não é da mesma região que a sua, termo também usado por Prensky para a identificação de pessoas imigrantes digitais, nesse caso, esses comportamentos seriam falas e ações em seu cotidiano que fogem do acesso à internet, como fazer a leitura de manual para um programa ao invés de assumir que o programa nos ensinará como utilizá-lo. Prensky (2001). Um outro exemplo ainda mais atual é que os imigrantes, mesmo que se adaptando ao digital, ainda carregam consigo o “sotaque” da leitura em materiais físicos, como livros e cadernos, se sentem mais confortáveis lendo um livro em suas mãos do que em frente às telas.

Quando comparamos as perspectivas apresentadas entre essas duas gerações em detrimento das teologias, podemos dizer que os mais velhos são agora os novos aprendizes, enquanto as crianças estão em um ambiente familiar. Ao menos é o que as análises de Prensky nos levam a entender. Será mesmo que as crianças dessa geração têm se familiarizado tanto com o digital que esqueceram da sua realidade, será verdade que eles sabem mais que seus pais e que conseguem estar seguros navegando por meio de milhares e milhares de camadas de conteúdos informativos? A realidade se distorce do ideário que as mídias querem para nossas crianças, ao contrário de livros ou manuais físicos, nas telas as crianças constantemente podem ser levadas a se distraírem por qualquer outra coisa que as mídias digitais podem oferecer.

Podemos perceber que os termos analógicos referentes aos alunos nativos e imigrantes digitais começam a ganhar maior denotação quando falamos dos sotaques que se referem ao passado que os mais velhos trazem consigo e no admirável mundo novo no qual eles precisam aprender uma nova

língua para compreender como as mídias e os “nativos digitais” se comunicam com esse mundo, também é notado que o artigo constitui um lado que corrobora com a tecnologia, indicando que já não se pode mais competir com os nativos digitais, o mundo evoluiu e as práticas do passado ficaram presas nele, pois com a chegada da internet a praticidade de informações tornou todas as práticas pedagógicas que foram construído antes, em descartáveis e o que apenas nos resta são as lembranças e velhos hábitos que se perderão com tempo, nessa perspectiva Prensky (2001) diz:

Mas esta não é apenas uma piada. É muito sério, porque o único e maior problema que a educação enfrenta hoje é que os nossos instrutores Imigrantes Digitais, que usam uma linguagem ultrapassada (da era pré-digital), estão lutando para ensinar uma população que fala uma linguagem totalmente nova. (Prensky, 2001. p. 2)

Analisando as analogias usadas por Prensky podemos notar que seus termos são utilizados na intenção de revelar a quem pertence esse mundo, sua preocupação se avalia em promover uma educação diferenciada para essa nova geração e que para ele, os professores imigrantes digitais não são mais incapazes de oferecer, por se constituído uma quebra de comunicação entre eles e seus alunos.

Atualmente, os mais velhos foram “socializados” de uma forma diferente das suas crianças, e estão em um processo de aprendizagem de uma nova linguagem. É uma língua aprendida posteriormente na vida, os cientistas nos dizem, vai para uma parte diferente do cérebro. (Prensky, 2001. p. 2)

Essas constatações foram feitas a exatamente 23 anos atrás e as ideias sobre um novo modelo educacional já se instalava na mente de muitos pesquisadores, no entanto, Prensky bateu ainda mais forte na tecla revolucionária e baseou suas pesquisas na falha de comunicação, o que compreendemos cientificamente ser considerado desvantajoso aprender determinadas funções posteriores quando já se tem outras bagagens firmemente enraizadas em nossa cultura, assim ele afirma que os nativos possuíam dificuldade de aprender com seus professores por serem antiquados demais, tendo como consequência, suas experiências com as mídias e mais ainda por serem antiquados demais para se articularem com os nativos digitais, seguindo

essa linha de pensamento e comparando com os dias de hoje, os alunos nativos dominaram o sistema educacional e uma nova linguagem e novas metodologias foram instaladas nas escolas.

Essas informações nos fazem refletir sobre qual o nível de envolvimento que os nativos digitais têm com as tecnologias digitais e em que momento elas tiveram acesso a essa gama de informações que os fizeram inaptos a adquirirem conhecimento sem suas telas, quais foram suas influências, será mesmo que isso pode ter os feito gerar tamanhas dificuldade em aprender com professores imigrantes digitais? E os seus professores não souberam trabalhar a dificuldade de comunicação com seus alunos e não conseguem adaptar seus métodos de ensino? A teorias de Prensky se baseiam na falta de comunicação entre essas duas gerações distintas, enquanto os professores vêm lutando para ensinar uma população que fala uma linguagem totalmente nova, ao chegar nesse ponto ele nos elucida alguns pontos:

Os nativos digitais estão acostumados a receber informações muito rapidamente. Eles gostam de processar mais de uma coisa por vez e realizar múltiplas tarefas. Eles preferem os seus gráficos antes dos textos ao invés do oposto. Eles preferem acesso aleatório, (como hipertexto). Eles trabalham quando ligados a uma rede de contatos. Eles tem sucesso com gratificações instantâneas e recompensas frequentes. Eles preferem jogos a trabalhos “sérios”. (Isto lhe parece familiar?). (Prensky, 2001, p. 3)

Nesse sentido concluímos que essa geração se envolveu ao um ponto tão intensivo com as tecnologias que adaptaram sua mente e formas de viver a elas, assim se a internet oferece respostas instantâneas para seus problemas e necessidades, assim também as crianças nativas esperam que aconteça em todos os âmbitos sociais, o que afeta a educação que é oferecida a elas, se é mais fácil encontrar respostas prontas, porque insistir em pesquisar, discutir e analisar respostas? Essas funções deixam o sujeito entediado e quando não acham o que querem desistem, sentido alta insatisfação na falta de apropriação pelo passo a passo, desacreditando que possam realmente aprender sem a possibilidade de dispositivos digitais estarem ao seu dispor já para os imigrantes, os nativos cresceram em uma velocidade acelerada por estarem a maior parte do seu tempo conectados, se acostumaram com a rapidez de hipertextos, baixar músicas, telefones em seus bolsos, uma biblioteca em seus laptops, mensagens

e mensagens imediatas. Prensky (2001), não tendo o controle para esperar e ser paciente para ouvir qualquer instrução ou ditar o que eles tenham que fazer.

Percebemos por meio dessas vertentes de pensamentos entre nativos e imigrantes digitais que, os nativos procuram formas de continuarem aprendendo através dos seus dispositivos tendo como seu mediador a internet e não mais seus professores, considerando seus métodos ultrapassados, já os professores que estão inseridos como imigrantes nesse mundo possuem pouca apropriação e desenvoltura pela habilidades adquiridas pelos nativos dentro do digital, na acreditando que seja possível aprender com êxito enquanto assistem e escutam música, por que eles mesmos não podem. (Prensky, 2001).

Todas essas linhas de pensamentos colocadas por Prensky nos faz refletir sobre o processo de escolarização das crianças “nativas digitais” e nos deixa o seguinte questionamento e possível solução, se revelando em qual lado ele se encontra:

Então o que deveria acontecer? Os estudantes nativos digitais deveriam aprender as velhas formas ou os educadores imigrantes digitais deveriam as novas? Infelizmente, independente de quanto os imigrantes queiram isso, é bem provável que os imigrantes regrediram. Em primeiro lugar, isto deve ser impossível – as mentes podem já ser diferentes. Isto insulta tudo o que sabemos conhecemos sobre migração cultural. A crianças nascidas em qualquer nova cultura aprendem a nova linguagem facilmente, e resistem com vigor em usar a velha. Os espertos adultos imigrantes aceitam que eles não conhecem o novo mundo e tiram vantagens de suas crianças a ajudá-los a aprender e entregar-se. Os imigrantes não tão flexíveis, passam a maior parte do seu tempo lamentando de como eram boas as coisas seu “velho país”. (Prensky, 2001. p. 3)

Prensky desde 2001 vem se mostrando um pesquisador destinado a revelar a força da tecnologia e o seu forte poder na vida das crianças, principalmente ao se tratar da sua educação, advinda de uma geração pré-tecnológica, baseou suas pesquisas em mudanças que ocorreram com a chegada da internet e que isso foi um grande avanço para toda a sociedade, transformando a vida de muitas pessoas e diversos ambientes, para ele as crianças foram as mais afetadas, pois tiveram que crescer e misturar a apropriação da sua cultura e sua formação no mundo com essas tecnologias, o que ocasionou grandes mudanças na comunicação entre as pessoas, afetando principalmente sua comunicação com os adultos, além de uma transformação

na mente dessas crianças, causando alguns percalços no seu ensino aprendizagem, segundo esse ponto de vista o único problema encontrado aqui é de que as crianças não aprendem pela falha de comunicação, o que recai sobre seus professores, quanto as mentes dessas crianças terem sido, segundo Prensky, desconectadas do mundo real não se constitui por ele, uma desvantagem, no entanto se analisarmos mais a fundo, encontramos crianças impacientes, sem imaginação ou curiosidade pelo o que é ensinado em sala pode ser ainda mais problemático que professores que não saibam falar a língua digital, além de revelar que estímulos precoces as telas tem afastado as crianças de outros fundamentos essenciais ao seu desenvolvimento, no entanto Prensky insiste no pensamento de que a aprendizagem precisa de uma adaptação em sua forma de educar, ao iniciar pela comunicação de suas línguas, não necessariamente suas linhas de pensamento, mas ao estilo de seus alunos, pois para ele, a singularidade dessa geração os tornou únicos e dificilmente mudarão, as tecnologias digitais já estão difundidas até na maneira que as crianças pensam e aprendem.

Ao chegar nesse momento do debate, é possível afirmar que Prensky promoveu suas pesquisas não para ir pelo caminho contrário da educação que na época era ensinada, mas sim que com a evolução tecnológica essa educação precisaria seguir por essa por essas mudanças, acompanhando os mesmos passos para e se adaptarem ao “adorável mundo novo”.

Se levarmos as ideias apresentadas por Prensky, seria errôneo admitir que as escolas não precisariam de uma renovação dentre suas práticas pedagógicas, assim como ao longo dos séculos a educação tem se transformado em prol de um melhor ensino aprendizagem para seus alunos, assim também se faz necessário hoje, durante a grande ascensão das TICs, não é possível mais voltar atrás, no entanto muitas informações são levantados para que ocorra uma real e significativa mudanças que vá realmente promover impactos positivos entre essa nova geração, é nesse momento que os conceitos apresentados acima se divergem, essas mídias digitais estão sendo o principal contato das crianças com o mundo, elas sabem que a internet as proporcionam praticidade, assim como já discutido acima, o jogo das mídias digitais resume nesse processo, então, as crianças ditas nativas digitais aprenderam a ser a fazer tudo

seguindo essas praticidades, no entanto, isso se estendeu aos seus estudos e agora, elas já sabem o poder que a internet tem e não conseguem ouvir, serem pacientes, sabendo onde estão as mesmas informações, afirmam não estarem em sintonia com seus professores por não saberem fazer os mesmos usos que eles, a proposta mais plausível por Prensky para essas divergências seriam as seguintes:

Então ao menos que nós queiramos apenas esquecer a educação dos Nativos Digitais até eles crescerem e eles mesmos a conseguirem, seria melhor confrontarmos este assunto. É ao fazê-lo precisamos reconsiderar tanto a metodologia quanto o nosso assunto, primeiro, nossa metodologia, os professores de hoje têm que aprender a se comunicar na língua e estilo de seus estudantes. Isto não significa mudar o significado do que é importante, ou das boas habilidades de pensamento. Mas isso significa ir mais rápido, menos passo-a-passo, mais em paralelo, com mais acesso aleatório, entre outras coisas. Os educadores podem perguntar "Mas como ensinamos lógica desta maneira?" Enquanto não estiver imediatamente claro, devemos imaginar. (Prensky, 2001 p. 4)

Sua percepção em prol das tecnologias digitais não o permite enxergar que talvez não seja apenas a educação que não esteja se adaptando aos novos métodos, mas que, como ele mesmo afirma, as nossas crianças estão se desconectando do mundo real e isso pode atingir não somente a forma como eles absorvem os conteúdos escolares, mas como cada dia eles estão se afastando do real, deixando de lados costumes entre familiares, não aprenderam a lidar com situações que os desafiam em suas vidas, se trata muito mais do que uma falha na comunicação, se assemelhando muito mais com uma perda de sua identidade cultural e pessoal, então, depois de analisados todos esses possíveis defeitos nas práticas dos professores e as ações dos alunos segundo Prensky, talvez os professores imigrantes não sejam único problema na constituição de novas metodologias, mas ainda não quer dizer que o sistema educacional ser renovado, se olharmos pelo ponto de vista dos alunos, podemos perceber que existe um equívoco nas pesquisas de Prensky ao intitular essa geração como sendo "nativos digitais", colocando em consideração apenas as propostas positivas do uso das tecnologias digitais para nossas crianças, acreditando que no futuro elas se desenvolverão com praticidades pelo acesso que tem aos conteúdos digitais, serem mais evoluídos, mas diferente do que é imaginado, nossas crianças estão sendo todos os dias bombardeados por uma gama de

informações, sendo expostos aos mais terríveis ricos que as mídias digitais podem lhe oferecer, são as crianças que estão perdendo suas vidas em sociedades, são elas que estão perdendo seu tempo de infância, se abastecendo pelas inúmeras propostas de redes.

Nesse momento, depois de analisados os conceitos de Prensky, para os dias de hoje, a educação considerada defasada pelos professores imigrantes digitais continuam apresentando os mesmos defeitos de comunicação? Quanto às crianças, o que dizer das consequências que esses “nativos” adquiriram ao se distanciarem tanto das antigas formas de enxergarem o mundo? Essa tal falta de comunicação foi o único motivo pelo qual as crianças perderam a vontade de aprender como antes era ensinado pelos seus professores imigrantes? Como bem sabemos, a realidade é diferente do ideário imaginado.

Retomando a pesquisa de Maure e Silva (2021) em que elas fizeram entrevistas em duas cidades distintas e chegaram à seguinte conclusão:

Ao comparar os depoimentos de uma cidade para outra, percebe-se uma certa evolução no modo de escrever e estudar ainda sem o acesso a internet pelo o depoimento de Charles podemos ter uma base de como era viver sem internet para pesquisa, essa visão sobre a internet é uma coisa que a geração atual que foi influenciada por ela nunca vai saber pesquisar em livros. Ele relata em sua fala o vício que a internet está causando nos adolescentes, a possibilidade de desencadear ansiedade e depressão por não estar online. De acordo com o entrevistado, as crianças deviam ser mais sociais, recuperar a essência de ser criança como no passado, que brincavam com a terra, ao ar livre (Maure e Silva, 2001, p. 546)

Por meio do depoimento de Charles, é notório o uso do “sotaque”, assim podemos incluí-lo como um dos imigrantes digitais dentro da perspectiva de Prensky, em sua fala ele aborda alguns costumes que foram perdidos com a chegada dessa geração, como desconhecem um livro físico, também o vício que foi desenvolvido para os usuários digitais, já chamando atenção para as principais consequências, físicas e cognitivas que afetam essas crianças.

Para compor a discussão do debate frente às perspectivas de Prensky, analisamos as propostas realizadas pelo autor Michel Desmurget em sua obra "A fábrica de cretinos digitais".

O primeiro ponto que chama a atenção em sua obra é que ele vem tratar de um contexto geral do cotidiano dessa nova geração envolvendo seu convívio com professores famílias e amigos, além de voltar o seu olhar as demais condições que as crianças estão inseridas, como seus dispositivos móveis, suas redes sociais e os bombardeios de informações inerentes que cercam a mente das crianças e os perigos que elas enfrentam.

Desmurget demonstra um grande receio pelas pesquisas realizadas que afirmam que todas as crianças de hoje podem ser consideradas nativas digitais e porque ele se declara contra esse conceito migratório do adorável mundo novo, nesse sentido ele discorre:

Sem se alarmar, diversos especialistas midiáticos parecem aplaudir a situação. Psiquiatras, universitários, pediatras, sociólogos, consultores, jornalistas, etc. multiplicam suas declarações indulgentes para tranquilizar os pais e o grande público. Para eles, nós estaríamos em uma nova era, e o mundo pertenceria agora aos assim chamados digital natives (nascidos nos tempos digitais, ou “nativos digitais”). Até mesmo o cérebro dos membros dessa geração pós-digital teria se modificado – para melhor, é claro. Ele teria, dizem, se tornado mais rápido, mais reativo, mais apto à multiplicidade simultânea de tarefas, mais competente para sintetizar o imenso fluxo de informações, mais adaptado ao trabalho colaborativo. (Desmurget, 2021, p. 6)

Antes mesmo de iniciar o primeiro capítulo do seu livro, Desmurget, nos mostra que a ideia de uma geração nativa digital pode ter sido equivocada e ainda mais generalizada, o que o põe em confronto com Prensky, que em 2001 já acreditava no nascimento dessa geração e que analisando a sociedade desde a chegada da internet, chegou a esta conclusão, já no início do primeiro capítulo do seu livro, “Nativos digitais, a construção de um mito”, ele traz à tona alguns dados que o coloca em alerta, o motivo de seus receios quanto essas a crianças criadas no mundo digital. O autor se surpreende que pela primeira vez na história, os filhos tiveram uma considerável diminuição de seu QI (quociente de inteligência) em relação ao dos seus pais, sendo o primeiro fato que contradiz o aumento desse quociente a cada geração e mesmo que esses teste apresentem algumas limitações se torna ainda mais preocupante se considerarmos outros dados trazidos pelo autor, que de acordo com suas pesquisa, jovens com idade entre 13 e 18 anos, dedicam a maior parte do seu tempo as telas recreativas, chegando a ultrapassar 7 horas diárias. Desmurget (2021).

Essa nova geração e as tecnologias digitais estão agora tão entrelaçadas em seu cotidiano que não é mais possível separá-las. Tendo crescido com a Internet e depois as redes sociais. Desmurget (2021). Elas trazem consigo inúmeras transformações na forma em que operam no mundo com o uso das telas, e nesse sentido Desmurget entra em concordância com Prensky, sim as crianças se tornaram impacientes por não conseguirem desenvolver o hábito de esperar, querem tudo no seu tempo, sempre fugindo do passo a passo.

É preciso se dar conta de que esses jovens "não são mais uma pequena versão de nós mesmos", como o foram no passado. [...] A tecnologia é sua língua materna, eles têm fluência na linguagem digital dos computadores, videogames e da Internet", "Eles são rápidos, multifuncionais e sabem zapear com facilidade. Essas evoluções são tão profundas que tornam definitivamente obsoletas todas as abordagens pedagógicas do velho mundo. (Não é mais possível negar a realidade: "nossos alunos mudaram radicalmente. Hoje, os estudantes não são mais as pessoas que nosso sistema educacional se preparou para ensinar. Eles pensam e processam informações fundamentalmente diferentes de seus professores). (Desmurget, 2021, p. 12)

Já compreendemos que vivemos em mundo norteado pela ascensão do digital, isso ao se referir as atividade mais corriqueiras do dia a dia como para ambientes de trabalho, mesmo que resumindo seu serviços apenas para facilitar a comunicação, é impossível constatar contra uma nova geração que nasceu durante essa ascensão e não ter se adaptado a esse meio, possuindo um determinado domínio sobre essas ferramentas digitais, que jamais as gerações passadas conseguirão dominar com o mesmo nível de habilidades. Dos computadores ao MP3, passando pelos telefones-câmeras, essas ferramentas se tornaram extensões de seus cérebros. Desmurget (2021).

Mas esse segmento pode ser avaliado a toda essa nova geração que vem surgindo, todas elas possuem um conhecimento elevado, se tornando impossível de ser alcançado pelos demais? Essas questões são afirmativas para alguns pesquisadores, incluindo Prensky, que já demonstrava interesse por mudar o sistema educacional para a adaptação das novas mentes.

Mas para consolidar essas pesquisas como verdades seriam necessários apuramentos mais precisos sobre a nossa sociedade, visando não só o macro como o micro a qual as tecnologias digitais estão inseridas, a mais de 15 anos a validade dessas afirmações vêm sendo aferidas pela comunidade científica e os

resultados contradizem de forma frontal a euforia das ficções da moda (Desmurget, 2021).

Em seu conjunto, a literatura sobre o nativo digital demonstra uma clara incompatibilidade entre a confiança com que as alegações são feitas e a evidência dessas reivindicações. Em outros termos, até hoje, não existe evidência convincente que sustente essas afirmações. Todos esses estereótipos geracionais são claramente “uma lenda urbana” e o mínimo que se pode dizer é que o retrato otimista das competências digitais das gerações mais jovens tem fundamentos precários. Conclusão, todos os elementos disponíveis convergem para mostrar que os “nativos digitais são um mito pelos seus próprios méritos “um mito a serviço dos ingênuos”. (Desmurget, 2021, p. 14)

Nesse sentido Desmurget conclui que os chamados “nativos digitais”, que foram intitulados por Prensky ainda em 2001, não passam de uma “lenda urbana”, para fazer as pessoas pensarem que as TICs, mantêm um certo poder sobre a sociedade, nos fazendo acreditar em uma evolução humana constituída por elas, mas que na verdade não passa de um mito dos mais poderosos sobre a sociedade, isso tem revelado não só a ingenuidade das pessoas como, a sequência de seres alienados como antigamente.

Podemos assim dizer que ao contrário do nascimento de seres evoluídos tecnologicamente, encontramos uma nova onda de seres alienados, esses agora não são só apenas manipulados pelo governo, mas também pelas novas mídias digitais, pessoas cientificamente não alfabetizadas, que por certo tempo acreditam que o uso das telas não traria nenhum mal, despreocupados oferecem esses mesmos benefícios ofertados pelas mídias digitais à suas crianças, não enxergando o perigo no qual elas estão expostas. Sendo tanto os pais como os seus filhos, os ingênuos dessa “lenda urbana”, e que na verdade, o conceito científico que envolve os nativos digitais é de uma simplicidade desconcertante pois se colocado em pauta os aspectos relacionados aos diversos grupos sociais e culturais é impossível que que todas as crianças e jovens possam ter um acesso igualitário às tecnologias digitais e que esses supostos nativos “se assemelham bem mais ao uma reunião de minoria do que um grupo homogêneo” Desmurget (2021), nesse sentido ele afirma a não existência desse tipo de nativos digitais.

Muitos estudos são feitos nesse meio que norteiam os supostos nativos e acabam servindo de argumentos para outros pesquisadores que influenciados

pelas mídias, sempre insistem em rotulá-las por letras ou adjetivos, no intuito de torná-las todas iguais como se fossem homogêneas, se esquecendo da imensa diversidade existente no interior de uma faixa etária. Amaral (2022).

Outra objeção que vem de contra ponto a essas lendas urbanas e retoma diálogos discutidos nos capítulos anteriores, está voltado a casos que diz respeito a falsa superioridade intelectual advinda do forte uso das tecnologias, o que nos leva a refletir na incredulidade dos pais para com a mente de seus filhos, se admirando por sua desenvoltura na manipulação dos celulares que eles entregam em suas mãos, enquanto suas crianças são lançadas ao desconhecido, sempre supondo que uso das telas será passageiro e podem controlar seus horários de uso, ou simplesmente que suas crianças são ingênuas demais para se influenciarem pelo o que veem na internet, trazendo à tona novamente a ideia de que os imigrantes digitais não podem mais acompanhar o alto progresso desses nativos, a partir desse momento. Desmurget (2021) põe em xeque para começar, até que se prove o contrário, esses fósseis pré-digitais, foram e com frequência ainda são os criadores desses dispositivos e ambientes.

Em seguida, ao contrair das cativantes lendas populares, a esmagadora maioria dos nossos geeks potenciais apresenta, além das utilizações recreativas mais escandalosamente básicas, um nível de domínio das ferramentas do mínimo titubeante. O problema é tão marcante que um relatório recente da Comissão Europeia mencionava a “baixa competência digital” no alto da lista de fatores sustentáveis de restringir a digitalização do sistema educacional. (Desmurget, 2021, p. 17)

Assim podemos analisar que na verdade, as crianças que fazem uso do digital, além de não serem experts nessa área, demonstram pouco domínio de suas capacidades, apresentando dificuldades alarmantes sobre seu desenvolvimento dentro do sistema escolar, isso revela que o tempo que as crianças e os jovens passam na internet está mais associado ao seu uso recreativo do que propriamente dito dedicado a educação, como jogar, ver e produzir vídeos, conversar com amigos, mas, no que se refere às interfaces dos dispositivos digitais, se tornam seres precários nesse meio, apresentando poucas habilidades relevantes para manipular um documento de vídeo, configurar software, ativar ou desativar a conexão de certos programas na inicialização do sistema operacional. Desmurget (2021). Em outras palavras,

sabendo apenas o básico e não se destacando à frente das gerações antes deles.

Uma triste constatação corroborada pelas conclusões de uma outra pesquisa de grande alcance, publicada por pesquisadores da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. Para estes, em geral, a capacidade dos jovens de refletir sobre as informações na Internet pode ser resumida em uma palavra: desoladora. Nossos nativos digitais podem ser capazes de flertar com Facebook e Twitter enquanto, ao mesmo tempo, sobem um selfie para o Instagram e mandam uma mensagem de texto para um amigo, mas quando se trata de avaliar informações que desfilam pelos canais de mídia social, eles logo ficam perdidos. De todo modo, e em todos os níveis, ficamos perplexos com o despreparo dos estudantes. Muitas pessoas supõem que, pelo fato de os jovens terem fluência em mídia social, eles sejam igualmente perspicazes no que diz respeito a tudo que encontram nesse ambiente. Nosso trabalho mostra o oposto. No final das contas, essa incompetência se exprime com uma espantosa e desalentadora consistência. Para os autores do estudo, o problema é tão profundo que chega às raias de uma “ameaça à democracia”. (Desmurget, 2021, p. 17)

Dessa forma, podemos analisar que se uma criança possui acesso à internet, ela como criança e querendo instintivamente aproveitar seu tempo de infância, não encontraria outra forma de aproveitar seu tempo na internet se não fosse por meio do entretenimento, tal recurso que é um dos principais usados pelas mídias digitais para atrair o público infantil a permanecer com seu acesso e ainda ser dado como um brinquedo por seus pais, limitando qualquer outra forma da criança brincar, assim elas vão adquirindo mais da cultura digital do que a sua própria cultura entre seus pares, isso realmente tem os tornado muito ágeis nesse meio, no entanto, as práticas das jovens gerações se articulam prioritariamente em torno de atividades recreativas, que são básicas e pouco intrusivas: progresso de televisão, sites comerciais, clipes musicais vídeos diversos, etc. Desmurget (2021). Mostrando que com o passar do tempo, elas não conseguem ou simplesmente não adquiriram mais nenhum interesse de irem mais além pois passaram tanto tempo voltados ao entretenimento das mídias que não passam de seres confusos cercados pela cama de informações, perdidos e incapazes de processá-las, se encontrando muitas das vezes em sérios riscos, não sabendo discernir intenções reais das manipulatórias.

Desmurget, além de suas pesquisas de cunho bibliográficos, também nos apresentam alguns dados que mostra a disponibilidade de tempo que as crianças denotam pelas telas e mesmo que com os avanços da área digital seja

capaz de trazer outros tipos de acessos mais educativos entre outros recursos, elas ainda dedicam a maior parte dos seu tempo, a televisão, redes sociais e jogos de vídeo games, somando uma faixa de tempo “ao utilizar suas telas digitais os jovens de 8 a 12 anos dedicam um tempo 13 vezes maior para se divertir do que para estudar (284 minutos contra 22 minutos)” (Desmurget, 2021, p. 18).

A partir deste ponto, podemos constatar que a preocupação dos estudantes não vem de uma possível evolução da mente das crianças de hoje, por meio do seu acesso à internet e que esses recursos não podem proporcionar tal fato, nem mesmo serve como medidor para isto, “seria equivocado dizer que qualquer inovação tecnológica possa ter um efeito unilateral. Toda tecnologia tem seu lado bom e seu lado ruim. (Postman, 1982).

A internet não é um produto proibido, no entanto não é recomendável que sejam utilizadas sem certas restrições, pois tudo que é usado sem o devido conhecimento corre o risco de se tornar algo perigoso e isso é o que mais tem ocorrido nos últimos tempos, a internet vem sendo usada de forma errônea e despreocupada e quando uma crianças têm acesso a ela, os pais muitas das vezes por ignorância e não se preocupam em qual seja o tipo de interação que as crianças tenham por meio delas, entretanto, quando veem qualquer sinal preocupante, insistem em dizer que a culpa é da internet, o que nos faz questionar novamente os estudos de Maurer e Silva (2021).

Os pais acreditam que é normal uma criança de dois anos ter seu próprio celular, e olhar as inúmeras bobagens impróprias para uma criança dessa idade na internet, pais esses que ficam só no celular. Os jogos tanto para jovens quanto para crianças, são viciantes com isso alguns dizem que é passatempo outros que é divertido, mas jogar é viciante passam o dia na frente do computador jogando online, ou a noite, dormir muito pouco, quando perdem uma partida a vida deles acaba, ou quando a internet cai ficam frustrados. (Maurer e Silva, 2021, p. 548)

E assim, quanto mais essas crianças têm acesso a internet de forma desenfreada e sem nenhuma restrições, acabam não desenvolvendo muitas habilidades que podem fazer falta no futuro, como a paciência, saber trabalhar suas emoções e frustrações ao longo da vida, além de que ao contrário do que muitos pensam, sua desenvoltura para as aplicações tecnológicas não passarão

de conteúdos mínimos, nada que vá mais além do que elas já aprenderam usando suas redes sociais, postando fotos ou assistindo vídeos, esse é o ponto que tem preocupado muitos estudiosos do ramo educativo, muito se pensa em crianças altamente inteligentes por suas habilidades tecnológicas, mas quando chega a hora de trabalhar com informações maiores e de cunho informativos, elas não são mais inteligentes que seus antecessores imigrantes digitais e sobre isso Desmurget (2021) discorre:

Na verdade, uma infinidade de estudos mostra que os adultos se revela globalmente, em termos de tecnologia digital, tão competentes e assíduos quanto seus jovens descendentes. Até mesmo aqueles indivíduos designados com “sêniores”, são capazes, sem grandes dificuldades, quando eles julgam isso útil, penetrar nesse universo. (Desmurget, 2021, p. 19)

Em outras palavras, podemos afirmar que as crianças de hoje, por mais que tenham um contato precoce com as tecnologias digitais, esse tempo além de não adaptar seu cérebro e não passar de uma manipulação mínima do que na verdade essa tecnologia pode possibilitar, e para adquirir tais conhecimentos, apenas saber usar as redes sociais e subir vídeos para o youtube não proporcionarão, pois são considerados manuseios básicos, para as crianças atuais, essas ferramentas consumíveis sem qualquer esforço ou aptidão particulares, servem essencialmente à diversão. Desmurget (2021), tanto que isso não pode ser ao menos questionado como algo difícil de ser ensinado pelos adultos que não tiveram as mesmas experiências que suas crianças ao digital e se dedicarem poderão rapidamente ter os mesmos domínios sobre esses eletrônicos que essa geração que nasceu na era digital.

Seguindo com esse mesmo pensamento, Desmurget aborda o quesito educação, se mostrando bastante preocupado com a distribuição do tempo que as crianças reservam para estarem em frente as telas. Como já questionado acima, desde muito cedo as crianças são influenciadas a fazerem uso das telas, que se torna a oportunidade perfeita para as mídias digitais usarem de suas estratégias e torná-las seres viciados em seus conteúdos recreativos. Em outras palavras, quanto maior o tempo que nossas crianças, passam com seus brinquedos digitais, mais as suas notas decaem. Desmurget (2021).

Não se trata necessariamente do uso das telas, mas sim do seu uso exacerbado por elas, que estão roubando o lugar de atividades de extrema necessidade e que merecem mais atenção se o foco é um bom desenvolvimento humano e que só podem ser realizadas com maior exatidão se trabalhadas desde a infância e sem interrupções.

Podemos assim dizer que a infância hoje tem sido gravemente prejudicada, provocando lacunas em nossas crianças, que estão criando um novo estilo de viverem, além de muitos processos cognitivos que vêm sendo perdidos, que diferentemente da apropriação pelo digital, eles não podem acontecer em outras etapas da vida, gerando “a falta de aptidões em termos de linguagem, coordenação motora, pré-requisitos matemáticos e habilidades sociais, gestões emocionais etc., revelou-se cada vez mais custoso adquirir com o passar do tempo. Amaral, (2022). Ainda sobre isso Desmurget pontua:

Uma outra pesquisa estendeu esses resultados a um grupo mais precoce, mostrando que o consumo cotidiano de uma hora de televisão à idade de 2,5 anos provocava uma diminuição de mais de 40% das performances em matemática alguns anos mais tarde, aos 10 anos.³¹ Sem dúvida, esse impacto pode parecer “pesado”, mas nada tem de surpreendente. Quando uma criança pequena reúne seus cubos segundo a cor, seleciona seus Legos segundo a forma, ordena seus bonecos do menor ao maior, deforma, reforma, fraciona e reconstitui sua massa de modelar, etc. ela desenvolve conceitos (identidade, conservação, etc.) e competências (serializar, agrupar, etc.) matemáticas essenciais. Ela os desenvolve ainda melhor se um adulto estiver presente para orientar seu encaminhamento (temos a “mesma” quantidade de balas, viu?) ou introduzir a numeração (olha! Você tem “dois livros”... e se eu retirar um?”; etc.). Ora, como dissemos, essas trocas interpessoais e explorações lúdicas voltadas para o real são as primeiras vítimas das utilizações digitais precoces (especialmente televisuais). A partir daí, nas crianças submetidas a essas utilizações, alguns pré-requisitos lógico-matemáticos se forjam imperfeitamente; e sem esses fundamentos, torna-se difícil em seguida construir algo sólido. Só resta culpar a loteria genética e obstruir toda uma face de futuro potencial, decretando que esse aluno, decididamente, é bem pouco dotado para as matemáticas, (Desmurget, 2021. p, 65).

Os resultados apresentam a importância do processo de cada etapa que os alunos passam em seu cotidiano escolar, a relevância pelos brinquedos e os materiais manipuláveis que precisam ser experimentados por eles desde cedo, fazendo o reconhecimento do que está ao seu redor, além da provocação da

orientação do professor em interação com eles e lhe apresentando desafios e problemáticas que os estimularão a avançarem, sem esquecer de trabalharem no coletivo para uma boa interação com os seus colegas.

Todos esses estímulos trazem a criança para o real, fazendo com que eles conheçam e interajam com o mundo. No entanto esses fatores estão sendo perdidos, pois por intermédio das telas, tem sido difícil considerar não prejudicial tais influências. Desmurget, (2021).

Os casos e pesquisas obtidas, como já sinalizado acima, não podem recair sobre toda a sociedade de forma homogênea e existir casos em que os estímulos das mídias digitais não irão interferir em nenhum tipo de desenvolvimento na infância da criança, que crescerá muito bem habituada à sua realidade, no entanto, não mais se trata valor, mas de uma defasagem para abordar os problemas. Desmurget (2021) que ainda enfatiza:

Em outros termos, quando a média de utilização beira quatro horas por dia, 120 minutos podem se revelar suficientemente "razoáveis" para você atingir sua meta, mas isso não significa (nem de longe!) que esses 120 minutos não provocaram um impacto. No fundo, para ser perfeitamente claro, seria possível reformular as observações precedentes desta maneira: o desempenho escolar se degrada em proporção ao tempo oferecido ao despotismo do senhor smartphone; quanto menos o aluno é parcimonioso, mais seus resultados caem. (Desmurget 2021. p, 69).

O desempenho escolar tem se definido gradualmente por decorrência do uso extremo que os alunos têm dedicado as telas.

Por fim, Desmurget (2021) mostra que, ainda que haja fortes possibilidades de um impacto modestamente positivo, pouco seria mudado, pois o consumo exclusivamente escolar, são submetidos a uma enxurrada de usos recreativos que debilitam o aluno, considerando a força das mídias ainda mais fortes, pois nelas as crianças não tem acesso apenas a conteúdos educativos, dessa forma as crianças cercadas pelas mídias digitais não sentem interesse de aprender por meio da internet.

Para concluir este capítulo, podemos salientar por meio das análises obtidas, que o peso que as TICs gerou com sua chegada em sociedade tem provocado grandes mudanças na forma com que nos relacionamos com próximo

e com o mundo inteiro, revelando uma grande vantagem para as novas mídias digitais, pois hoje é quase impossível que alguém não sinta a necessidade de algo sem antes consultar o seu celular, isso tem gerado uma grande preocupação pelas crianças que fazem o mesmo uso dessas tecnologias digitais, da mesma forma que os adultos são induzidas a comprar por meio de seus celulares analisando pesquisas relacionadas que os recursos de mídia oferecem, as crianças também estão sendo expostas ao mesmo fator, o intuito é um só, manter o seu usuário conectado e em acesso, não importando quem seja.

Na verdade a criança se caracteriza como um alvo fácil e valioso nesse meio, se tornam um alvo fácil para o marketing, por serem inocentes e fáceis de manipular, sabendo que crianças passam a maior parte do seu tempo frente às telas o seu alcance acaba sendo imediato e ainda mais persuasivo, não se preocupando com os efeitos nocivos que isso pode gerar em nossas crianças que podendo relacionar sua felicidade ao consumo de algo ou em outros casos como muitos é influenciado pelas mídias, a achar que para serem aceitas por suas figuras de pares precisam mostrar poder com o que tem.

Muitos nomes do meio digital já deram entrevista afirmando que seus filhos têm um tempo de tela supervisionado e limitado por temerem os problemas proeminentes que essas telas podem provocar na mente de seus filhos. Agora quem culpar por isso estar acontecendo, a internet que possibilita todo e qualquer tipo de conteúdo, as mídias digitais e suas propostas de marketing, ou os pais que desconhecem o que estão oferecendo aos seus filhos? Na verdade, encontrar um culpado é seria impossível, além de tirar o foco do que precisa ser feito nessa ocasião em benefício do tempo de infância, essa relação entre as crianças e as mídias digitais, sendo feita de uma maneira inconsequente, só fazem com que elas sejam desestimuladas a viverem no mundo real e se adaptem a falsa sensação de liberdade e o mais preocupante é que sozinhas essas crianças não enxergam o perigo a que estão se submetendo e quanto mais cedo elas tiverem acesso às telas menos tempo para aproveitar a sua infância terão.

Para Prensky, as crianças nativas digitais são crianças que nasceram em meio a era digital e só enxergam o mundo por meio de suas telas, não sendo

apenas seres que se adaptaram a tecnologia, mas tiveram uma real desconexão de tudo que veio antes dela, passaram por uma singularidade que o fizeram criar uma nova forma de viver.

Toda a perspectiva de Prensky se baseia em uma analogia do novo mundo, nele os nativos são os seres dominantes e que evoluíram sua mente às novas tecnologias, se apresentando como um recurso que veio para ficar.

Nesse maravilhoso mundo novo, existe também os imigrantes digitais, no qual Prensky os caracterizou como sendo uma geração anterior a essa que vivemos e que não tiveram acesso ao digital em sua infância, mas que fazem uso delas no presente, ele também atribuiu a esses imigrantes um sotaque, que se distingue a eles como todo e qualquer hábito, habilidade ou fala que não faça uso do digital como ler um livro ou fazer pesquisa em uma biblioteca.

Prensky afirma existir uma certa dificuldade de comunicação entre os imigrantes e seus sotaques, contra os nativos digitais que não conseguem os entender, ocasionado um formato de ensino ultrapassado para essas novas mentes, gerando sérios problemas, nativos que não aprendem mais com o passo a passo e se tornaram seres antecipados e apreensivos, sempre buscando respostas prontas e rápidas que acaba por não se aprofundarem em seus estudos, sempre buscando a praticidade do digital.

Essa geração de nativos digitais acreditam que os imigrantes não possuem habilidades para ensiná-los, pois sua credibilidade está relacionada ao digital e por outro lado os imigrantes têm se preocupado com essas crianças temendo que eles estejam perdendo fundamentos essenciais para o seu desenvolvimento como estudante, não acreditando que seja possível que esses nativos aprendam apenas pelo meio digital, ouvindo músicas e assistindo vídeos no YouTube e que segundo Prensky “eles mesmos não podem aprender”.

A educação em torno dessa discursão se apresenta como desatualizada e inapta a continuar formando seus alunos pela interferência das tecnologias digitais, os nascidos nessa geração culpabilizam seus professores por não trabalharem de acordo com a praticidade das mídias digitais, acreditando que eles são incapazes de se adaptar e assim sem propriedades para continuarem sendo formadores educacionais, esses alunos são aqueles considerados

altamente inteligentes, com habilidades que nem os seus professores possuem, assim na visão de Prensky, ainda em 2001, os professores precisariam encontrar novos métodos e se habituarem o mais rápido possível ao estilo de vida de seus alunos, enquanto esperam que eles possam ter a oportunidades de mesmos fazê-los, não havia crenças entre nenhuma das partes, enquanto as crianças estavam sendo atraídas pelas suas mídias digitais e se desconectando das práticas de desenvolvimento humano, os professores desacreditavam na capacidade de colaboração que essas mídias possuem para os seus alunos.

Já na visão de Desmuguet, ele vem questionando alguns argumentos de Prensky, 20 anos depois, essa geração de nativos não conseguiu encontrar o seu lugar, a tecnologia não os tornou serem com mentes evoluídas, na verdade ocorreu o contrário.

Já no primeiro capítulo do seu livro ele aborda o termo nativos digitais como uma lenda urbana e que não deveria ser rotulado pelas nossas crianças, pois seria considerar uma geração homogênea de crianças com acesso igualitário à internet, deixando inúmeros fatores sociais que descartam essa homogeneidade, como a desigualdade social, faixa etária origem étnico racial entre outras evidências.

Ele também usa sua pesquisa para nortear outros pesquisadores que buscam respostas em torno deste mesmo tema e se influenciam pelas mídias digitais que insistem em rotular nossas gerações por letras, agregando todas as pessoas em um único pensamento.

Desmuguet não desmente a ideia de que as mídias digitais têm influenciado no estilo de vida de muitos, mas não a ponto de criar uma nova geração nativa, nos trazendo alguns dados que mostram que a hipótese criada por Prensky de seres altamente inteligentes e evoluídos graças ao meio digital não passa de mais um mito, e hoje infelizmente os filhos estão apresentando um QI menor que o dos seus pais, também nos apresenta outros dados que revelam que as crianças de hoje ainda que a internet tenha evoluído rapidamente, elas continuam a passar a maior parte do seu tempo usando suas telas para se divertirem, na verdade ele chega a constatar que o uso que essas crianças fazem de seus dispositivos móveis chega a ser medíocres, muitas das vezes se

confundindo com as inúmeras informações que aparecem em suas telas, novamente indo em contrapartida do posicionamento de Prensky, mostrando ser impossível que os adultos não possam aprender e ter as mesmas habilidades que os mais novos, concluindo que zapear entre vídeos do YouTube e postagens de fotos no Instagram não credibiliza alguém a se tornar um ser sobre-humano.

Já sobre a educação nesse meio tecnológico por Desmurget, constatamos que, ela está sendo ofuscada pelo uso das telas com efeito em nossas crianças, encontrando lacunas no desenvolvimento de alunos por estarem se desfazendo de estímulos de extrema importância e que servem de apoio para o seu reconhecimento do mundo que os cercam e que aos poucos esses alunos estão perdendo o interesse no ensino, acreditando na força da informação digital, mas não fazendo nenhum uso de aplicativos educativos como apoio, pois já estão tão contaminadas pelas telas recreativas que mesmo que haja o interesse de provocar mudanças para uma educação focada no digital, a dificuldade seria enorme para as crianças que aprenderam a trabalhar com a praticidade dos conteúdos digitais, nesse momento os autores entram em concordância, as escolas não estão sabendo oferecer uma educação de acordo com o que a criança contemporânea precisa.

Depois dos debates realizados entre os dois pensadores podemos notar que as perspectivas de Prensky norteiam em pesquisas pautadas em responsabilizar os professores pelas dificuldades dos alunos considerados por ele nativos digitais, no entanto também recai sobre uma outra perspectiva teórica psicológica de extrema importância, não só para educação como também para o desenvolvimento cognitivo das nossas crianças, ao alegar a incapacidade da aprendizagem entre os nativos pelos professores imigrantes, ele também invalida a grande quantidade de aptidões sociais cognitivas e linguísticas que os pequenos humanos apresentam. Desmurget (2021), os reconhecendo apenas como “tábulas rasas” metáfora utilizada pelo filósofo John Locke (1690), que por meio de seus estudos acerca da mente foi capaz de influenciar muitos outros pensadores assim como Prensky, no entanto, para Desmurget, essa análise entra em discordância para com as suas pesquisas, ele enfatiza que ao contrário das crianças serem tabulas rasas, também existe uma necessidade de proteger essas crianças de possíveis lacunas que podem afetar o seu desenvolvimento,

pois se isso ocorrer durante sua infância, não poderão ser restaurados, resultando em sérios problemas futuros, no entanto, de ambas maneiras a educação não tem procurado espaço para educar aquelas crianças que apresentam dificuldade desde pequenas em relacionar o real do virtual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos resultados obtidos, juntamente com as pesquisas realizadas e os debates propostos para a integração do referente trabalho, podemos trazer como resolução, análises bibliográficas que se pautaram em contemplar diferentes perspectivas, na maneira como a criança e o seu tempo de infância é compreendido ao longo do tempo.

Antigamente considerada inexistente, as crianças viviam sem oportunidade de aproveitar a sua infância e se desenvolverem da maneira correta. Com o passar dos séculos elas foram ganhando destaques e sua infância hoje pode ser considerada, protegida, por meio de leis, órgãos e institutos que priorizam os seus direitos. No entanto, por mais que agora se tenha essa visão clara sobre as nossas crianças, seu contexto histórico se constitui como uma descoberta recente pela sociedade contemporânea, o que tem provocado uma sensação de insegurança para com os nossos pequenos e, por mais que tenhamos inúmeras formas de protegê-los no ambiente em que vivemos, isso tem sido duplamente mais difícil se voltarmos nossos olhos para a avalanche de informações provocadas pelas TICs e suas mídias digitais, são elas as principais responsáveis por influenciarem as crianças a seguirem suas propostas de marketing, que, por mais que se lute para promover um ambiente seguro e saudável para elas, as tecnologias digitais sempre se encontram um passo à frente, são bombardeadas com propostas ainda mais tentadoras, o seu intuito sempre será manter seu público ativo, e pela crianças conquistar também os seus pais.

Nossas crianças têm passado tanto tempo em determine-o das mídias digitais e graças aos seus dispositivos móveis, são inúmeras as propostas de telas ao seu alcance, ao ponto de fazê-las substituírem suas brincadeiras com os colegas, os carrinhos e as bonecas, para estarem frente às telas, sendo agora esse o seu brinquedo favorito, não precisando mais sair de casa para se divertirem, pois tudo que precisam está nas palmas de suas mãos.

A infância de nossas crianças está a cada dia que se passa, se moldando mais e mais pelas mídias digitais, elas dizem as nossas crianças como devem se vestir, falar, se comportar, quem gostar e etc.

É sabido que essa tecnologia irá continuar a evoluir e cada vez mais estratégias irão surgir, isso para capturar a atenção das nossas crianças, no entanto o que ainda não sabemos é, conviver com as tecnologias da maneira correta, sempre procurando quem culpabilizar por nossas crianças estarem fazendo mal uso das mídias digitais, no entanto elas estão presentes a tanto tempo na vida das pessoas, que fomos nós que não enxergamos a forte influência que elas tem em nosso cotiando, despreocupados deixamos que entrassem em nossas vidas e da mesma maneira fizemos com os nossos filhos.

A verdade é que passamos tanto tempo usufruindo das praticidades e do entretenimento ofertado pelo digital, que esquecemos que desde muito tempo já estamos sendo avisados sobre a sua ascensão, mas sempre é notado tarde demais, quando isso começa a prejudicar a vida das nossas crianças, o pensamento é imediato, as mídias digitais são sempre o vilão da história, mas não passam do conflito gerador.

Se faz necessário compreender que as tecnologias já fazem parte da sociedade e se continuarmos fechando os nossos olhos para as crianças que estão expostas ao mundo digital, um dia a infância terá um caráter totalmente diferente do que vemos hoje, podendo encontrar caminhos para que ela desapareça novamente.

Em procedência do último capítulo em que foi promovido uma série de discussão entre dois autores que visaram com suas pesquisas compreender a relação que as crianças têm com as mídias digitais e o seu processo de escolarização.

O debate promovido no último capítulo do referente trabalho, foi possível analisar duas visões diferentes, uma voltada aos processos de desenvolvimento que estava sendo gerado nas crianças por meio das tecnologias digitais. Já era perceptível a forma avassaladora no qual as telas invadiram a vida das nossas crianças, elas rapidamente adotaram as mídias digitais, o cotidiano das pessoas e também de outros ambientes.

As crianças que nasceram em meio a sua ascensão foram as que melhor se adaptaram, desde novos apegados as telas, foram intituladas “nativas digitais”. Promovendo uma nova classe de pessoas, que com fortes aptidões tecnológicas.

Desconectados do mundo real e não desenvolvendo uma singularidade digital em que sua cultura, ações, vocabulário são internalizados, sendo compreendido apenas pelos próprios nativos, são pessoas que não aprenderam os fundamentos necessários para uma vida em sociedade, vistos como incapazes de aprender algo fora da sua bolha digital, nesse adorável mundo novo, quem não nasceu durante a era digital não tem espaço, são tidos como incapaz, acreditando que mesmo que se adaptem, não chegarão ao nível de quem é nativo.

Uma grande discussão foi levantada e a educação foi mencionada, se os nativos se limitam as suas mídias digitais e os imigrantes responsáveis por sua educação não podem elevar o seu conhecimento como ensinar, o resultado dessa discussão revelou que na visão de muitos a chegada da internet transformou seus usuários mais recentes, e mais uma vez a educação precisou mudar seus caminhos juntamente com essas transformações, não podendo mais voltar atrás.

No entanto, para esse momento podemos afirmar que as primeiras pesquisas realizadas, focou em crianças evoluídas, mas, só foi possível enxergar o quanto a influência das mídias tem os considerados pessoas vazias e as crianças como páginas em branco fáceis de manipular, seres que se limitam e outros que quiseram se desconectar.

De acordo com o segundo autor, podemos chegar às seguintes constatações: a procura por uma geração altamente evoluída por meio das tecnologias digitais pode ser considerada inútil, não passando de mitos que se instalaram pela sociedade para incubar a realidade do que realmente aconteceu.

As crianças de hoje se não desconectaram do mundo real, nem tampouco vivem em um adorável mundo novo, a realidade é que elas estão perdidas dentro delas, a passos que as mídias evoluem mais nossas crianças vem perdendo

suas essências, suas oportunidades de ser criança, para estarem conectadas, se distraíndo e brincando com sites que as colocam em risco.

Os dados apresentados relatam os perigos das telas, as crianças não têm evoluído cognitivamente, elas têm estagnado suas mentes, e não podem jamais serem classificadas mais inteligentes que os chamados imigrantes, já que o tempo que elas gastam em telas não as capacitam.

Em relação a educação, podemos concluir que existe um aleta antigo sobre o que as tecnologias digitais estavam se tornando para as nossas crianças, entretanto, elas não eram vistas como um elemento a ser trabalhado nas redes de ensino educação, sendo rotuladas como um brinquedo nas mãos das nossas crianças, mas também superestimadas como um aparato facilitador entre nós, no entanto, pouco foi considerado quando falado das contribuições que as escolas podem oferecer a educação se de fato implementem um ensino que as usem como ferramentas as tecnologias digitais entre suas práticas metodologias.

Não se trata de professores incapazes de promover uma boa educação para crianças dessa era, mas sim sobre a escassez de trabalhos escolares que se articulem com a realidade das nossas crianças e a necessidade de avançarmos sobre os debates que pensem a infância na contemporaneidade diante dos desafios cotidianos frente as mídias digitais.

Por fim, compreendemos que as nossas crianças não são inteligentes nativas, assim como as pessoas que não nasceram antes da sua chegada, somos todos imigrantes nesse adorável mundo novo digital e precisamos saber voltar ao real, já as nossas crianças, precisam, não de uma educação que os ensinem por meio de telas, mas sim de uma educação que promova um uso saudável e seguro para elas. E o primordial elemento que precisa ser trabalhado é o tempo das nossas crianças, para que elas possam usufruir da sua infância e não perder fundamentos valiosos para o seu desenvolvimento e conflitos futuros.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Trad. Dora Faksman. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981

AMARAL, Jonathan Henrique. **Quão “digitais” são os “nativos digitais”? Limites do entusiasmo excessivo com a tecnologia na educação**. Site Scielo, Rio Grande do Sul. 2022.

ARRUDA, L. R. S. **O uso de celular por crianças na primeira infância: Oportunidades e riscos**. TCC - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

ASCENSO, Láisa Renata Souza et al. **ENTENDENDO OS DANOS CAUSADOS PELO USO EXCESSIVO DE TELAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: REVISÃO DE LITERATURA**. VII Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar e V Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar e IV Feira de Empreendedorismo da UNIFIMES, 2023.

BOAVENTURA, E. M. **Metodologia da Pesquisa: monografia, dissertação e tese**. São Paulo: Atlas, 2004.

BROERING, Adriana de Souza. **A “descoberta” da infância ocidental na modernidade: quais crianças foram “colocadas nesse berço”?** Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 270 – 285, jan./abr. 2015.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. - Brasil. 2017.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 10 nov. de 2022.]

COELHO, Patrícia, COSTA, Marcos, NETO, Joao. **Saber Digital e suas Urgências: reflexões sobre imigrantes e nativos digitais**, Site Scielo, 2018.
HENICK, Angelica Cristina.; FARIA, Paula Maria Ferreira de. **História da infância no Brasil**. XII Congresso Nacional de Educação EDUCERE- PUCPR 26 a 29/10/2015

DESMURGET, Michel . **A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças**. São Paulo: Vestígio, 2021. Tradução de Mauro Pinheiro.

HENSEL, Laís Carla. **Influências Da Mídia No Desenvolvimento Infantil**. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Setor de Ciências

Humanas, Unijuí – Universidade Regional Do Noroeste Do Estado Do Rio Grande Do Sul, Santa Rosa, 2015

KALAMAR, L.; CASTILHOS, G. P. S. **A infância na sociedade contemporânea: Um estudo sobre o processo de adultização infantil.** Revista Panorâmica, v. 31, set./dez, 2020.

LINHARES, Juliana Magalhães. **História Social da Infância.** Sobral: Inta, 2016.

MALLMANN, Manoela Yustas; Frizzo, Giana Bitencourt. **O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário?** Revista Cocar Edição Especial N.7. Set./Dez./ 2019 p. 26-46.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** – Brasília: MEC, SEB, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 21. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Mônica Suzel. **A influência das novas tecnologias na formação da criança.** Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, Cajazeiras, 2017.

PADILHA, Andrieli Regina Sehnem. **A Infância, o Brincar e a Família Contemporânea.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, Ijuí, 2015.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 2012.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants.** On the Horizon, Bradford, v. 9, n. 5, p. 2-6, out. 2001.

PRIORE, Mary Del. **História das crianças no Brasil.** 4.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SANTOS, Amanda Freitas dos; COSTA, Gabriely Pinheiro da. **Tempo excessivo de tela e tecnologia na primeira infância: impactos no desenvolvimento infantil.** 2023. TCC (Enfermagem) – Centro Universitário Fametro, Fortaleza, 2023.

SARNO, Silvana Maria Grisi, **A infância na contemporaneidade: A Significativa Interação das Crianças com Webcelebridades.** Site Scielo, Minas Gerais. 2022.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiam Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 34, n. 103, 2017.

SILVEIRA, Mileidi Custodio. **Educação e infâncias na cultura digital**. TCC - Curso de Graduação em Pedagogia: Licenciatura, Universidade Estadual no Rio Grande do Sul, São Luiz Gonzaga, 2023.

TABORDA, Lorena Dos Santos. **A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**. Maringá: Rev. UNINGÁ Review, v. 34, n.1, p. 40-48, jan./mar. 2019.